

REVISTA DIGITAL



PASSARINHANDO

dicas • natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
entrevistas • natureza • aves • fotografia • destinos
técnicas • aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos

A revista brasileira sobre observação de aves e fotografia de natureza

AVISTAR

A história do evento que congrega os observadores de aves brasileiros

ESPÉCIES DO MÊS:

gavião-de-penacho e marreca-asa-branca

FOTOS DOS LEITORES

FOTOGRAFIA

Aprenda a importância da foto nítida na fotografia de Aves

NOTÍCIAS

Veja o encontro com o gavião-pega-macaco

BIRDWATCHING NO PARQUE

Observação de aves nos parques da cidade de São Paulo

PORTFÓLIO

O trabalho do gaúcho Fabio Duarte

CONHEÇA

CEO, um dos maiores grupos de observação de aves do Brasil





Editor

Jefferson Silva

Conselho Editorial

Claudia Komesu

Jefferson Otaviano

Jefferson Silva

Norton Santos

Tietta Pivatto

Conselho Fotográfico

Jefferson Silva

Luiz Carlos Ribenboim

Norton Santos

Jornalista responsável

Petterson Rodrigues

MTB 17.043

Contato

contato@revistapassarinhando.com.br

Galeria do Leitor

fotodomes@revistapassarinhando.com.br



O mês de maio foi um mês de alguns eventos importantes para a observação de aves no Brasil, e também alguns belos acontecimentos.

Logo no início do mês, entre os dias 01 e 03 tivemos o IV Festival do Papagaio-Charão, junto com o II Festival do Papagaio-de-Peito-Roxo, em Urupema/SC. Tietta Pivatto esteve presente, e nos traz um relato do evento.

Depois, no dia 09 de maio, aconteceu o *Global Big Day*, um evento mundial, 24 horas de passarinhada mundo afora. O evento foi organizado pelo laboratório de ornitologia da universidade de Cornell, EUA, e teve participação mundial. Foram 13987 pessoas que enviaram 43883 listas para o site ebird.com, registrando incríveis 6072 espécies diferentes. O evento foi um sucesso. No Brasil tivemos diversas pessoas participando, e Guto Carvalho nos traz sua visão sobre o evento.

Ainda em maio, nos dias 15, 16 e 17 foi realizado o 10º Avistar, o Encontro Brasileiro de Observação de Aves, no Instituto Butantan, em São Paulo/SP. O evento foi mais uma vez um sucesso, atraiu diversos observadores nacionais e internacionais, e Tietta Pivatto esteve presente e nos traz um belo relato sobre a história do evento.

A Revista Passarinhandando também esteve presente, e tive a oportunidade de fazer uma apresentação no dia 17 sobre a revista, além de conversar com algumas pessoas e amigos.

Entre essas pessoas estava Rafael, um jovem adolescente observador de aves. Conversamos rapidamente sobre a revista, e sobre a ideia de futuramente fazermos uma matéria sobre crianças e adolescentes. Por falar neles, no Avistar, o Murilo, filho do Gustavo Pinto, esteve presente mostrando seu amor pelas aves, inclusive participando de gravação de matéria para o programa Terra da Gente.

E para estrear a participação mirim na Revista Passarinhandando, veja a bela foto de Juan Rodrigues Trivelato, um garoto de 7 anos, filho do guia e fotógrafo Geiser Trivelato, colaborador dessa revista. Juan já demonstra seguir os passos do pai.

Encerrando o mês de maio, no dia 30/05 ocorreu a 2ª passarinhada de apoio ao Tanquã, em Piracicaba/SP, uma importante manifestação em defesa desse importante ambiente aquático. São diversas espécies residentes, algumas migrantes.

E no final da tarde, parte dos observadores que foram ao Tanquã foi para a cidade de Americana/SP, junto com o observador e guia Gustavo Pinto, para poder observar o famoso mocho-dos-banhados de Americana. O grupo, como quase sempre acontece com quem vai até a cidade, pôde observar um casal e um filhotão. Veja na seção Notícias como foi a busca pelo mocho. A seção notícias ainda traz algumas novidades muito legais, como a travessia incrível da mariquita-de-perna-clara, a presença da perdiz-do-mar no litoral brasileiro, e os encontros fantásticos com o gavião-pega-macaco.

Esperamos que gostem dos textos e fotos dessa edição.

Não deixe de nos enviar suas críticas, comentários ou sugestões através do nosso email: contato@revistapassarinhando.com.br.

Boa leitura!

Jefferson Silva

jefferson@revistapassarinhando.com.br



Siga a revista no
Facebook

facebook.com/RevistaPassarinhandando



Nesta edição

Avistar

A história do evento que impulsionou a divulgação da Observação de Aves no Brasil



AVISTAR2015



GALERIA DO LEITOR



ESPÉCIES DO MÊS

gavião-de-penacho e
marreca-asa-branca



NOTÍCIAS



CONHEÇA UM GUIA

Thiago Carneiro



DESTINO

Cidade de São Paulo/SP



FOTOGRAFIA

A busca pela nitidez



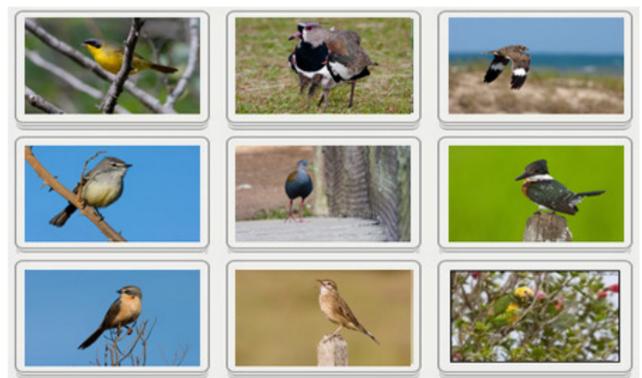
EVENTO

Papagaios em SC



CONHEÇA

CEO, São Paulo/SP



PORTFÓLIO

Fabio Duarte

GALERIA DO LEITOR



ariramba-de-cauda-ruiva / *Galbula ruficauda*

Foto de Elton Olegário, Campinas/SP

"Ficou tranquila nesse galho pincelando vários insetos e permitindo fotos."

Canon 60D, 100-400mm f/4.5-5.6 L IS | f/5,6, 1/160, ISO 800, @320mm



GALERIA DO LEITOR



beija-flor-rajado, *Ramphodon naevius*

Foto de Hideko Okita, Campinas/SP

"As jóias do sitio do seu Jonas em Ubatuba/SP"

Nikon 5100, Sigma 150-500mm f/5-6.3 APO DG OS HSM | f/5, 1/200, ISO 1600, @170mm



GALERIA DO LEITOR



seriema, *Cariama cristata*

Foto de Juan Rodrigues Trivelato, Jacutinga/MG

"Vendo esta espécie empoleirada e de pertinho foi possível notar como são grandes e bonitas. Adorei fotografar ela pela primeira vez!"

Canon Power Shot SX50 HS | f/5.6, 1/80, ISO 400, @158mm



GALERIA DO LEITOR



sabiá-pimenta, *Carpornis melanocephala*

Foto de Josiane Bernardes, Pedro de Toledo/SP. 25/12/2014

"Foi uma grande emoção observar e fotografar esta espécie pela primeira vez no sítio Espinheiro Negro, um belo presente pra um dia de Natal."

Nikon 3200 | f/8, 1/250, ISO 3200, @300mm



Acabo de entrar na tenda do Avistar 2015. Décima edição. Subitamente paro ao me dar conta disso. Dez edições! Nesse momento minha memória viaja pelo tempo até chegar num ponto específico.

O ano é 2006. Pouco se fala de observação de aves no Brasil, embora muita gente já pratique isoladamente ou em pequenos grupos. As notícias que chegam são na maioria vindas dos hotéis de selva no Pantanal ou Amazônia, onde *birdwatchers* estrangeiros vem buscar *lifers* para completar suas listas compulsivas.

Acompanhados de guias também estrangeiros, vasculham todos os cantos da floresta atrás de cada nova espécie que vai compor sua coleção, exibida como troféu aos companheiros de hobby que ainda não desceram ao Hemisfério Sul. É fácil identificá-los.

Roupas estilo safári, camisas de manga longa e as até então desconhecidas calças com zíper na perna, que confortavelmente se transformavam em bermudas.

Geralmente usando chapéus estilo australiano, alguns com uma providencial rede anti-mosquitos que os deixavam com aparência um tanto caricata. Porém o que despertava desejo eram os binóculos e lunetas de qualidade muito superior aos que os brasileiros tinham acesso. E os livros, ah os livros... Dunning, Dubbs, La Peña, Ridgely & Tudor e tantos outros quase inacessíveis a nós pelas dificuldades de se adquirir uma publicação importada. Além dos ornitólogos ligados às universidades brasileiras, apenas poucos observadores de aves tinham acesso a eles.

Talvez a razão seja simples: livros sobre aves naquela época tinham pouca demanda, uma vez que o público interessado era pouco. Raros eram os observadores de aves brasileiros até então, e as poucas referências disponíveis em português (Sick, Frisch, Ruschi, Santos) eram difíceis de encontrar. Fico imaginando se o pouco público desmotivava novas publicações ou as poucas publicações dificultavam a formação de mais público.

Mas este ano é um marco especial no calendário. A facilidade de comunicação pela internet inspirou alguns

cientistas (Martha Argel, Fernando Straube, Fernando Pacheco entre outros) a criarem um grupo no Yahoo para troca de informações sobre ornitologia, chamado Ornitobr. Em pouco tempo esse grupo cresceu e logo passou de mil inscritos. Porém, dentro dele havia pessoas que não eram cientistas, apenas entusiastas das aves. Então novamente arte de Martha Argel e Fernando Straube tiveram a feliz ideia de criar um novo grupo, chamado Birdwatching Brasil. A princípio não se apostava muito nesse grupo, mas ele logo criou vida própria, com mais de 500 participantes logo de início e muitas discussões interessantes surgiram. Descobrimos que havia muita gente espalhada pelo Brasil observando aves. E rapidamente surgiu a ideia de reunir essas pessoas num evento próprio. Foi quando Guto Carvalho tomou a frente e moldou o que seria o primeiro Encontro Brasileiro de Observação de Aves, ou Avistar Brasil. Foram parceiros a Sociedade Brasileira de Ornitologia/SOB, o Centro de Estudos Ornitológicos/CEO, COA-RJ, COAVE/SC, COA/BA, OAP/PE, ABA/BEX, Boute Expeditions/MT, Hot Spot Brasil/MS, AABP/RJ, Parque do Zizo, Atualidades Ornitológicas, Editora Nova Fronteira, Trattoria Filmes, USEB, Birdlife e EPTV entre outros.



Avistar 2006



Exposição de fotos no Avistar 2006

O primeiro Avistar aconteceu no Senac Santo Amaro/SP e foi a grande oportunidade de pessoas se conhecerem pessoalmente após meses de planejamento e organização do evento.

As palestras e mesas redondas focaram principalmente o status quo da atividade até então e os rumos que poderia tomar. A incógnita de se saber quantos observadores existiam no Brasil e a clara prevalência dos observadores estrangeiros motivaram discussões sobre como trazer brasileiros para a atividade e ampliar o número de estrangeiros vindo pra cá. O potencial econômico adormecido e as chances de se aliar ações de conservação geravam ansiedade e expectativa. Uma exposição de fotos e uma bela mostra das gravuras de Paul Baruel que ilustram o livro Ornitologia Brasileira marcam também essa primeira edição. E eu estava lá, junto com representantes de Mato Grosso do Sul, colaborando com os resultados da minha recém-terminada dissertação de mestrado sobre o tema, a primeira no Brasil feita com as escassas informações disponíveis na época. Ali começava para mim uma jornada que cresceu junto com o Avistar, ano a ano.

O sucesso do evento abriu portas para uma segunda edição em 2007, desta vez no Parque Villa-Lobos, onde ficaria até 2014. Foi um evento marcado pelas atividades infantis, especialmente a famosa casa do João-de-Barro,

que virou atração permanente no Parque. Outro destaque foi o concurso de fotografia, que teve apoio do Itaú-BBA e ajudou a divulgar o evento Brasil a fora, e desde então os concursos sempre foram muito concorridos.

Com palestras variadas, já neste ano a fotografia começava a ter destaque, o que se repetiu em todas as outras edições. Isso porque nesta época era evidente a preferência do observador de aves brasileiro pela câmera fotográfica mais do que o binóculo. Porém a palestra mais marcante foi a proferida por guias mateiros que se emocionaram no palco ao relatar sua relação com a mata e com as aves nessa profissão que os valorizou tanto. Tenho certeza que muitos vão se lembrar das lágrimas do Vitinho (Refúgio Ecológico Caiman) junto com o Luizinho (Parque Estadual Intervales) e o Francisco (Cristalino Eco Lodge). Também este ano Betty Petersen vem pela primeira vez ao Avistar, voltando depois em outras edições e sempre apoiando de forma especial o evento e a observação de aves na América Latina como um todo. Em 2008 um evento fora do Avistar marca a observação de aves no Brasil: nascia o Wikiaves, site colaborativo enriquecido com fotografias e gravações de cantos de aves brasileiras, hoje reconhecido mundialmente e uma das portas de entrada para novos observadores de aves. Isso também influenciou o Avistar, uma vez que esse



A famosa casa do João-de-Barro

novo público buscava locais para fotografar espécies, e troca de experiências e precisava de guias especialistas. Ano a ano o Avistar se consolidou como a principal referência para os observadores brasileiros, com palestras abordando diversos temas dentro do universo das aves, conservação, turismo, fotografia, ilustração e políticas de incentivo à atividade.

Instituições como Embratur, Sebrae, ICMBio e Secretarias de Turismo de inúmeros estados e municípios passaram por lá, assim como Birdlife/Save Brasil, ABA/Bex, SBO, Birdfair e tantas outras organizações nacionais e estrangeiras. A cada nova edição as atividades infantis se renovaram e ajudaram a despertar o interesse das aves nas crianças que passavam pelo parque ou eram levadas pelos pais, tanto que algumas delas se tornaram observadores de aves conhecidos.

E se no primeiro ano do Avistar a USEB veio trazendo livros que fizeram nossos olhos brilhar, a cada ano novos lançamentos de livros e guias de campo brasileiros foram enchendo as prateleiras dos observadores de aves. E a procura fez com que muitos livros fossem lançados e relançados por se esgotarem rapidamente. O mercado editorial finalmente acolheu os observadores de aves, e parceiros como a USEB, Edson Endrigo, Thomas Sigrist, Luiz Claudio Marigo e Haroldo Palo Jr fizeram parte dessa história. Um prazer enorme encontrar colegas nos corredores do evento para autografar livros recém-comprados!

Uma das coisas que os participantes sempre procuram em cada edição são os cursos. E tivemos vários: observação de aves para iniciantes, fotografia de aves, técnicas de ilustração, jardim das aves e aplicativos para computadores e celulares. Vários colaboradores se revezaram como instrutores, mas o curso de observação para iniciantes do Lucas Longo e Eduardo Alexandrino já virou tradição. E é prazeroso ver que os participantes dos primeiros cursos se transformaram em passarinhos e fotógrafos aplicados, ajudando a divulgar a atividade.



Também é uma tradição homenagear figuras importantes da história ornitológica brasileira. Helmut Sick, Rolf Grantsau, Eurico Santos, Jacques Viellard, Emilie Snathlage e Luiz Claudio Marigo foram alguns dos homenageados, emocionando a todos e ajudando a rever as origens da observação de aves no Brasil. Destaco aqui uma das palestras mais bacanas da edição 2013, quando Marigo falou sobre a coleção do Chocolate Surpresa, e a emoção que todos sentiram na homenagem prestada nesta edição 2015.

Destaque também para a participação de palestrantes estrangeiros, que ao longo de todas as edições trouxeram informações interessantes para o Brasil, como Bret Whitney, Betty Petersen, Tim Appleton, John Gwynne, Josep Del Royo, Bob Planqué, Horacio Matarasso, Rick Simpson, David Lindo, Catherine Hamilton, Xavier Muñoz, Melissa Groo, Alexandro Olmos, Sergio Ocampo e tantos outros.

Mas não só de palestras, livros e homenagens se faz um Avistar. Ao longo dos anos tivemos várias saídas de campo, seja nos cursos ou apenas para fotografar passarinho, sendo que os guarás de Cubatão eram sempre os mais desejados, e claro, muitas viagens foram combinadas nos corredores da tenda.





AvisBier

Outra atividade que marcou algumas edições foi o Avistar Talks, com apresentações especiais dos convidados, com destaque para o lindo show da Ná Ozzetti em sua primeira edição.

Porém acredito que a mais esperada é sempre o AvisBier, quando todos confraternizam divertidamente.

Não tem como não rir ao lembrar as engraçadas conversas entre os colegas. Além disso tudo, ainda tivemos eventos paralelos de apoio mútuo como o Viva a Mata da SOS Mata Atlântica, exposições itinerantes no SESC, Desejos Urbanos, Brasiliana, etc.

Outro evento que já se tornou permanente é o Birding Ladies, encontro promovido para celebrar a participação cada vez maior das mulheres no mundo birding. Em sua terceira edição, vários temas já foram discutidos, desde a aceitação masculina das mulheres nos grupos até o papel das mães no incentivo aos observadores-mirins.

Gratificante ver essa mudança, uma vez que quando eu comecei a trabalhar com aves em campo, eram bem poucas as mulheres que se destacavam nesse meio.

Hoje são tantas que já temos até grupos estritamente femininos como as Penélopes no Ceará. Impossível nomear todas, mas destaco June Alves e Martha Argel,

parceiras desde a primeira edição do evento, Silvia Linhares, Sylvia Paraty e Claudia Komesu pela grande colaboração no Birding Ladies e claro, Suzi e Adriana, que todo ano são responsáveis pela incrível festa que é o Avistar. E ainda tem Roséli Nascimento, Andreia Roque, Gláucia Del Rio, Marília...

O crescimento da observação de aves no Brasil pode ser medida também pela realização até o momento de 13 edições regionais do Avistar no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande e Vale Europeu Catarinense e este ano ainda teremos em Manaus e Vitória.

Novamente só foram possíveis graças à mobilização de gente como Margi Moss, Patrícia Silva, Luana Bianchini, Gustavo Pinto, Luiz Marigo, Ricardo Mendes, Eduardo Franco, Ricardo Pedersoli, Maicon e Juliana Mohr, Simone Mamede, Maristela Benites, Carlos Iracy e tantos outros... Sem contar todas as outras edições de eventos paralelos como o Festival de Aves Migratórias/RS, Festival do Papagaio-Charão/SC, Festival Aves de Paraty/RJ e tantos outros.

E assim como esses eventos, também vemos cada ano diferentes empresas, destinos e instituições ocupando os



Birding Ladies no Avistar 2014

stands da feira expondo seus produtos, projetos e roteiros. Alguns apenas uma vez, outros são parceiros assíduos como Aves e Fotos Editora, CEO, Save Brasil e Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul. E este ano pela primeira vez tive um stand para apresentar os produtos da empresa onde sou a nova sócia, Maritaca Expeditions. Gratificante ver como um trabalho iniciado anos atrás cresceu junto com o Avistar.

Em 2012 apresentamos os dados do primeiro Censo Brasileiro de Observação de Aves, onde as primeiras informações sobre este segmento começaram a clarear investimentos e projetos de fomento à atividade.

Mas aliados a esses dados, temos também estatísticas diárias fornecidas pelo Wikiaves e fóruns no Facebook como o Quero Passarilhar e Identificação de Aves, sem contar a incrível participação dos brasileiros na edição 2015 do Big Day Brasil (participação nacional no Global Big Day, evento promovido pelo Cornell Lab/EUA). Tudo é indicativo do crescimento constante da observação de aves no país.

A viagem no tempo me traz de volta a 2015. E não há melhor síntese do que foi esta edição do que as palavras do Luccas Longo:

“O Avistar não pode ser resumido mais a um congresso ou a uma feira, mas um lugar que desejamos estar, pois plantamos amizades e celebramos a alegria de estar em uma família que cresce a cada edição e que passa a promover um olhar diferente sobre si e sobre seu meio”.

Assim como em todas as outras edições, foi um momento onde gente bacana se reuniu para falar do assunto favorito de todos, observação de aves. Foi novamente uma confraternização entre ornitólogos, pesquisadores, fotógrafos, observadores, artistas, entusiastas, curiosos e tantos outros. Este ano a novidade foi o novo local. O Avistar teve apoio do Instituto Butantan, e foi lá que tudo aconteceu, e era evidente o quanto os participantes aprovaram a mudança. Muitas palestras sobre temas variados como conservação, destinos para observação,



Conversas, amigos, passarinhos...

técnicas fotográficas, lançamento da Revista Passarinhandando e outros, junto com atividades diversas como oficina de anilhamento, curso de observação de aves, lançamento de livros, shows musicais e saídas para passarilhar. Foram vários momentos emocionantes como a homenagem a Luiz Claudio Marigo e sua exposição fotográfica, a premiação dos fotógrafos vencedores do Concurso Avistar de Fotografia, a homenagem surpresa ao Guto Carvalho dentro do Birding Ladies. Além do reencontro entre amigos, o Avistar proporcionou momentos importantes como o encontro entre prefeitos e secretários de turismo para discutir formas de fomentar a observação de aves em seus municípios. Também a reunião de representantes do Sebrae oriundos de diversos Estados buscando formas de auxiliar microempreendedores interessados na atividade. E para mim foi uma celebração especial, uma vez que estive presente em todas as edições.

Estes dez anos de Avistar marcaram muitos momentos importantes da minha vida, e para celebrar este momento tive o privilégio de apresentar uma palestra resumindo todas as edições do evento e claro que me emocionei no final. Mas a emoção não foi um sentimento individual, e sim a consciência da importância que tem o Avistar para

a observação de aves no Brasil. Desde sua primeira edição foram tantas mudanças e conquistas que é impossível resumir tudo em um único artigo. E impossível também é lembrar o nome de todos os parceiros que fazem parte dessa história, desde Augusto Huschi e Dalgas Frish até Rolf Grantsau, Fernando Pacheco, Fernando Straube, Martha Argel, Luiz Fernando Figueiredo, Pedro Develey, Tatiana Pongiluppi, Ciro Albano, João Quental, Edson Endrigo, Thomas Sigrist, Ciro Porto, Luccas Longo, Eduardo Alexandrino, Ivan Sazima, Haroldo Palo Jr, Luiz Claudio Marigo, Juan Pablo Culasso, Adrian Rupp, Maicon e Juliana Mohr, Gabriela e Renata Rizzaro, Jefferson Silva, Luciano Lima, Erika Hingst-Zaher, Vanessa Kanaan, Fred Crema, Jarbas Mattos, Vitor Piacintini, Gustavo Pinto, Carlos Rizzo, Reinaldo Guedes, Roséli Nascimento, Batista, Margi Moss, Suzi, Adriana, Jeremy Minns, Osmar Borges e a nova geração de jovens que começa a aparecer como Matias Terner, Vitor Valentini, Ana Clara, Lorena e tantos outros. E claro, nada disso seria possível sem o grande motivador de tudo, Guto Carvalho, que como ele mesmo

costuma brincar, é o “culpado” por tudo isso.

O objetivo do Avistar é daqui mais dez anos ter um milhão de observadores espalhados pelo Brasil, incluindo o observador profissional e dedicado até a dona de casa que coloca fruta para os sanhaços. E todos eles celebrando as aves de forma a contribuir com a conservação destes seres tão ameaçados. E pensar em tudo isso me emociona e me enche de orgulho por fazer parte de uma história tão importante, tão especial para todos. Lembro de cada palestra, cada mini-curso que dei ao longo dessas dez edições e tenho consciência de que minha maturidade andou paralela com a da atividade. O Avistar definitivamente faz parte da minha vida, tanto profissional como particular.

E como eu sei que muitas pessoas também têm histórias e boas lembranças das edições do Avistar, convido os leitores a deixarem na *fan page* da Revista Passarinando no Facebook um depoimento sobre alguma das edições. Compartilhe conosco as emoções que a observação de aves trouxe pra você, e marque sua parte nessa história tão especial. ■



Palestra do Guto Carvalho no Avistar 2015



Avistar 2015



O gavião-de-penacho é uma ave da família dos accipitrídeos, bem espalhada por todo globo, sendo a América Latina a região mais rica em espécies. Seu nome científico *Spizaetus ornatus*, refere-se a uma característica bem marcante, seu ornamental topete. Do grego; spizias = falcão e aetos = águia. Do latim ornatum, significa adorno, ornamento, daí seu nome. Naturalmente é uma ave difícil de ser encontrada, pois vive dentro de florestas bem preservadas. Embora não apareça na lista nacional das espécies ameaçadas, no bioma mata atlântica essa espécie está considerada ameaçada de extinção. O gavião-de-penacho é uma ave muito imponente, daquelas que figuram nos sonhos de todo observador de aves. Sua plumagem chama muita atenção, pois possui uma composição de cores que não encontramos em outras aves de rapina.

No final de 2012, um morador de uma fazenda no município de Iporanga/SP, comunicou a um observador de aves da mesma cidade que tinha achado um ninho de certo gavião em sua propriedade. Curioso, o tal observador foi checar a informação e para sua grata surpresa se tratava de um ninho do gavião-de-penacho. O achado foi divulgado na internet e imediatamente observadores do Brasil inteiro, inclusive eu, se deslocaram até Iporanga para observar de perto aquele grande espetáculo da natureza. Para mim, o maior espetáculo que já observei até hoje.

Família: Accipitridae

Outros nomes populares: Apacanim, inhapacanim

Nome científico: *Spizaetus ornatus* (Daudin, 1800)

Nome em inglês: Ornate Hawk-Eagle

Estado de conservação: Pouco preocupante

Características: Possuem 67 centímetros de comprimento, e aproximadamente 140 centímetros de envergadura. É uma ave muito possante, possui pernas compridas e emplumadas até a base dos dedos, esses com garras excepcionalmente longas. Asas curtas e arredondadas e cauda comprida possibilitam que o gavião-de-penacho voe com destreza entre as árvores



gavião-de-penacho, *Spizaetus ornatus*

Foto: Jefferson Silva

dentro da mata fechada. Seu topete, eriçado com frequência, é negro e chega aos 10 centímetros de comprimento. Tem cabeça, nuca e peito marrom-avermelhados. Garganta, barriga e flancos são brancos com listras negras. Apresentam dimorfismo sexual sendo que a fêmea é visivelmente maior que o macho. Isso se dá, pois geralmente os machos das espécies rapinantes, tornam-se muito agressivos no período de reprodução, e se fossem do mesmo tamanho, provavelmente as fêmeas sofreriam demais nesse período.

Alimentação: Comem aves, morcegos, pequenos mamíferos e répteis que podem ser capturados nas árvores ou no solo. Há na literatura ornitológica, relatos que dizem que nos rapinantes de grande porte, caso do gavião-de-penacho, as fêmeas por serem maiores que os machos têm predileção por presas de maior porte.

Reprodução: Constroem um grande ninho confeccionando-o com galhos entrelaçados e sobrepostos em uma bifurcação de árvore de grande porte. Em média, dois meses antes da postura do único ovo, verifica-se o cortejo do macho que fica voando em círculos perto do local do ninho.



A fêmea geralmente fica a observá-lo pousada perto do ninho, sendo esta, a única responsável por chocar o ovo. O período de incubação gira em torno de 50 dias e nesse meio tempo o macho cuida de trazer o alimento para a fêmea no ninho. O filhote nasce com uma coloração predominantemente branca, bem distinta da de seus pais, que cuidam dele por muito tempo mesmo depois de deixar o ninho.

Hábitos: Embora naturalmente raro, pode ser encontrado em todo o Brasil em florestas bem preservadas. Prefere caçar e construir seu ninho na mata fechada, mas já foi observado caçando e perambulando por clareiras e bordas de rios. Escolhe poleiros em árvores altas para espreitar suas presas.

Distribuição geográfica: Ocorrem em todo o Brasil.

Onde observar: É difícil dizer com exatidão onde o observador deve procurar por essa magnífica ave, pois como todo rapinante grande, possui um território vasto. As duas oportunidades onde pude observar o



Filhote de gavião-de-penacho

Foto: Luiz Carlos Ribenboim

gavião-de-penacho foram, uma no município de Apiaí/SP, em terras pertencentes ao PETAR (Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira) e a outra na Fazenda Santa Clara, no município de Iporanga, bem próximo ao PETAR também. ■

Asa-branca

Pertencente à família dos anatídeos, a asa branca é uma marreca pequena, presente em todo território nacional. Seu nome popular é derivado da anatomia da ave, que quando observada em pleno voo, exibe grande mancha branca nas asas. Já seu nome científico, *Dendrocygna autumnalis*, deriva com certeza de observações de seu comportamento. A palavra dendros do grego significa árvore, e cygna ou signus refere-se a cisne. Do latim autumnalis, autumnus, autumni significa outono, daí temos um cisne que pousa nas árvores no outono. A asa branca é uma marreca que tem nítida predileção por nidificar em ocos de árvores. Tive a sorte de observar dois ninhos de asa-branca em cidades diferentes do estado de São Paulo.

Um deles na cidade de Campinas foi feito em um oco na estirpe de uma palmeira macaúba (*Acrocomia aculeata*)



asa-branca, *Dendrocygna autumnalis*

Foto: Jefferson Silva

morta, a mais ou menos uns 8m de altura. O outro ninho, encontrado na cidade de Pindorama, foi feito em um mourão de cerca, numa cavidade na ponta do mourão, e ao contrário do primeiro, a menos de 2m do chão.

Família: Anatidae

Outros nomes populares: marreca cabocla, marreca marajoara

Nome científico: *Dendrocygna autumnalis* (Linnaeus, 1758).

Nome em inglês: Black-bellied Whistling-Duck

Estado de conservação: Pouco preocupante

Características: Com 48cm de comprimento, apresentam dimorfismo sexual pouco pronunciado quanto a cor, que no macho é um pouco mais vibrante. Possuem cabeça acinzentada com um pequeno chapéu de cor marrom claro, pouco pronunciado. Quando pousado, apresenta na coloração das asas um marrom pálido. O que mais chama a atenção na coloração dessa ave são o bico e as patas, que são de um tom forte alaranjado.

Alimentação: Folhas, talos, sementes, pequenos crustáceos e larvas de insetos.

Reprodução: Como já citado, escolhem os ocos de árvores para botarem seus ovos. A postura quase sempre passa de dez ovos. O tempo de incubação ainda não é muito conhecido, mas pode variar entre 20 a 30 dias. Mais de uma fêmea de asa-branca pode botar seus ovos no mesmo ninho e ainda também podem botar seus ovos em ninhos de outras espécies de patos. No pantanal mato-grossense há relatos de fêmea de *Cairina moschata* (pato selvagem) sendo acompanhada por ninhada mista formada pelos seus e por filhotinhos de asa-branca. Os filhotes de asa branca possuem nos seus primeiros meses de vida uma coloração bem diferente da de seus genitores, composta por tons pardacentos de bege e marrom.

Hábitos: São encontradas em bandos sempre próximos à água, que podem passar de 50 indivíduos dependendo da época do ano e do local, se esse oferece alimento em abundância, ocorrem grandes concentrações da espécie. Como todos os outros anatídeos, desloca-se muito em busca de alimento, se uma fonte alimentar esgota-se,

elas podem voar grandes distâncias para achar comida. É comum vê-las descansando empoleiradas em árvores, apoiando seu corpo agachado sobre as patas.



Distribuição geográfica: Ocorrem em todo o Brasil

Onde observar: Assim como toda ave da família dos anatídeos, a marreca asa-branca tem estreita relação com ambientes aquáticos, se você quer observá-la, precisa procurar ambientes assim. Também é muito comum observá-las se alimentando em lagos artificiais com outras aves, por exemplo, em zoológicos e parques municipais, onde são oferecidos alimentos em abundância. ■

Bibliografia

SICK, H.

Ornitologia Brasileira
2ª edição, Rio de Janeiro,
Editora, Nova Fronteira, 1997.

SIGRIST, T.

Avifauna Brasileira
1ª edição, São Paulo,
Editora Avis Brasilis, 2009

WILLIS, Edwin O. & Yoshika Oniki.

Nomes gerais para aves brasileiras.
Gráfica da Região, Américo Brasiliense, 1991

Wikiaves, A enciclopédia das Aves brasileiras

<http://www.wikiaves.com.br/gavião-de-penacho>

<http://www.wikiaves.com.br/asa-branca>

Acessado em 28-12-2014.

Já imaginou um pássaro fazer uma migração de até 2.770km seguidos, sem escala, inclusive sobre o oceano?

Pois é isso que a pequena ave mariquita-de-perna-clara, *Setophaga striata*, é capaz de fazer.

Cientistas vinham tentando provar que elas eram capazes de tamanha façanha há cerca de 50 anos, e recentemente conseguiram evidências irrefutáveis da migração dessa espécie.

A ave tem entre 12 e 15 cm, se reproduz no norte da América do Norte, no Canadá e Alaska e os indivíduos analisados voaram da América do Norte para a América do Sul em apenas 2 a 3 dias.

De acordo com o site

<http://www.birdwatchingdaily.com/>, um grupo de pesquisadores da Universidade de Massachussets, Amherst, liderados por William DeLuca, colocaram geolocalizadores em 20 aves em Vermont, e 20 em Nova Escócia, e foram capazes de recuperar 3 aves do grupo de Vermont, e 2 do grupo de Nova Escócia.

Após analisarem os geolocalizadores, os cientistas puderam comprovar a migração sem escala, que variou entre os indivíduos, de 2.270 até 2.770 km.

Para realizar a migração, as aves chegam a dobrar sua massa corpórea.

No site WikiAves (www.wikiaves.com.br) há alguns registros da espécie no Brasil, para as seguintes cidades:

- Mogi das Cruzes e Rio Claro, estado de São Paulo
- Cachoeiras de Macacu e Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro
- Itajubá, em Minas Gerais
- Porto Seguro, na Bahia;



mariquita-de-perna-clara, *Setophaga striata*

Foto: Claudia Komesu

- Brasília no Distrito Federal
- Manacapuru e Manaus, no Amazonas
- Amajari, Boa Vista, Cantá, Caracaraí, Pacaraima em Roraima.

Ainda de acordo com o site WikiAves, a mariquita-de-perna-clara, quando está no Brasil, acompanha bandos mistos pelas copas das árvores, a procura de frutos, nos meses de setembro a dezembro.

A espécie apresenta dimorfismo sexual, isto é, indivíduos machos e fêmeas da espécie apresentam características físicas não sexuais marcadamente diferentes.

As fêmeas são de coloração pardacenta e não têm os fortes padrões que o macho apresenta na cabeça. Sua coroa e seu rosto são pardo acinzentado. ■





perdiz-do-mar, *Glareola pratincola*

Foto: Carlos Eduardo Moura

No dia 21 de abril de 2015, o observador Carlos Eduardo Moura fez um grande registro, fotografou o perdiz-do-mar, *Glareola pratincola*. No WikiAves é o primeiro registro fotográfico feito no Brasil. Carlos Eduardo cedeu gentilmente essa foto acima.

"Estávamos já quase no 'fim da linha' da passarinhada, atrás da graúna, quando surge voando no roçado essa ave 'bizarra'! Semelhante a uma grande andorinha, passou um bom tempo no local, se alimentando. Pura sorte!", comemorou Carlos Eduardo.

De acordo com o site WikiAves, a espécie é raramente avistada no hemisfério sul.

A perdiz-do-mar é uma espécie da família Glareolidae, tem entre 24 e 28 centímetros, é diferente das outras aves da sua família, lembrando uma andorinha gigante.

A espécie nidifica em colônias, em grupos de 10 a 20 casais, podendo chegar até 100. Ocorre na Europa e norte da África, é uma ave migratória.

Embora seja uma ave não ameaçada, segundo critérios da Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais, a aves corre alguns riscos, devido ao uso de herbicidas e inseticidas, além de alterações de seu habitat, segundo o site da Birdlife. ■





Já pensou em observar o gavião-pega-macaco? E pousado então, já sonhou com esse momento? Pois existe um local no Brasil que talvez você tenha chance de realizar seu sonho.

As fotos acima são do observador e guia de observação de aves, Thiago Carneiro.

Thiago mora em Campos do Jordão/SP, e tem o privilégio de observar esse belo gavião com certa frequência, e como as fotos mostram, algumas vezes pousado.

O gavião-pega-macaco, *Spizaetus tyrannus*, é uma ave da família Accipitridae. Espécie florestal, pode chegar a 66 cm de tamanho e mais de 1kg.

As fêmeas são maiores que os machos. As fêmeas botam em média 2 ovos, que são chocados por 40 dias. Os filhotes deixam o ninho após 80 ou 90 dias.

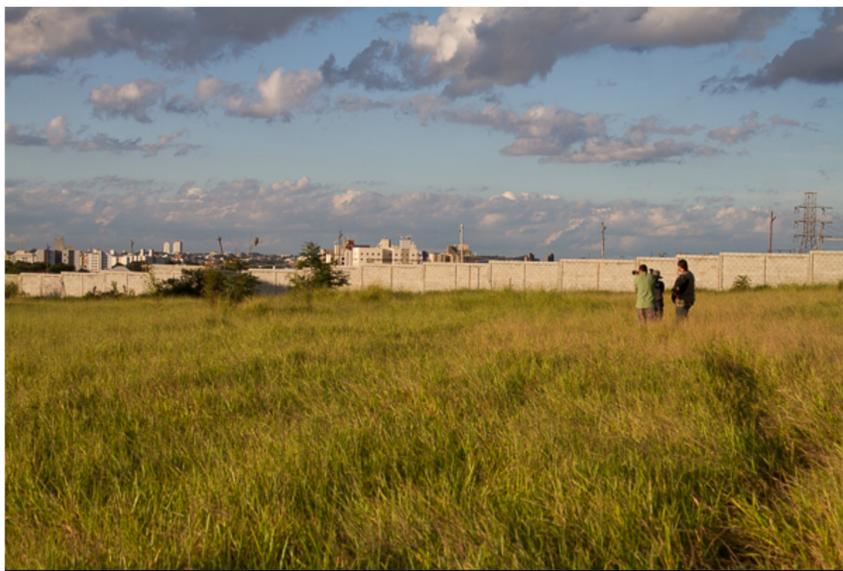
Como o nome sugere, alimenta-se de macacos, além de outros mamíferos e algumas aves.

No Brasil há diversos relatos de observação dessa espécie.

No site do WikiAves, os estados de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina são os estados com o maior número de registros, nessa ordem.

Só no estado de São Paulo o gavião foi registrado em 71 cidades diferentes. ■





Observadores fotografando o mocho



área com placas para garantir a segurança dos mochos



Filhotão do mocho-dos-banhados, *Asio flammeus*

foto: Karina Santana

Aproveitando o embalo da 2ª Passarinhada de Apoio ao Tanquã, Gustavo Pinto que é observador de aves e responsável pela proteção aos mochos-dos-banhados de Americana/SP, ofereceu gratuitamente aos participantes da manifestação no Tanquã passeios para conhecer a espécie em seu habitat.

Os passeios foram realizados nos dias 29 e 30 de maio ao final da tarde no terreno que é habitado pelo mocho-dos-banhados. Essa é agora considerada área de proteção pela Prefeitura de Americana.

Os mochos-dos-banhados de Americana vivem no meio de um bairro em uma área urbana e que está sofrendo cada vez mais destruição devido às queimadas e construção de casas. O objetivo desse encontro foi mostrar aos participantes as condições às quais os mochos estão expostos, servindo de conscientização ambiental.

Foi possível observar ao vivo um casal de mocho-dos-banhados caçando em um desses terrenos ao final da tarde. Os mochos-dos-banhados tem hábitos diurnos crepusculares e costumam fazer rondas nesses terrenos, percorrendo vários trechos e voando baixo à procura de

pequenos mamíferos – principalmente roedores – sua principal fonte de alimento.

O passeio foi premiado com uma grata surpresa ao seu final: os participantes puderam presenciar um pequeno filhote da espécie, o primeiro observado este ano, no meio da rua. Isso mostra o quão vulnerável essa espécie se encontra vivendo em áreas urbanas como essa de Americana. Todos prontamente o protegeram dos carros e o fizeram voltar para a área do ninho. Sinal de que o objetivo desse trabalho foi cumprido: todos juntos ajudando na conservação dessa ameaçada espécie. ■





Nesta edição apresentamos Thiago Carneiro, guia de observação de aves em Campos do Jordão/SP e região.

Quando e como começou sua relação com as aves e natureza?

Desde muito pequeno tenho uma grande ligação com a natureza, sendo levado pelos meus pais para andar de bike e trilhas a pé com os nossos cachorros. Quando um pouco maior, já fazia algumas trilhas

de bike sozinho, sou praticante de montanhismo, escalada em rocha e canoagem e por viver nesse meio passei a observar a vida selvagem. Comprei então uma máquina para fotografar mamíferos... Mas é muito difícil e então comecei a fotografar as aves, pois era mais fácil de ver e algumas vezes de fotografar.

Quando começou a guiar observadores de aves?

Alguns amigos do WikiAves me deram muito apoio para começar a guiar. Desde 2012 venho guiando grupos para observar aves.

Qual equipamentos você utiliza?

Para guiar, apenas o binóculo Nikon. Para fotografia, a câmera Canon 60D.

Quais seus destinos principais, e por quê?

Campos do Jordão/SP e Tremembé/SP. Campos do Jordão/SP por ser minha cidade e Tremembé/SP por ter uma boa diversidade de aves.

Tremembé é um forte roteiro e bem procurado, pois na época em que as quadras estão cheias de água, muitas aves migratórias podem ser observadas, algumas comuns como cabeça-seca, colhereiro, irerê, marreca-caneleira, asa branca e outras, e algumas mais raras como marreca cri-cri, soco-boi-baio, narcejas,

policia-inglesa-do-sul, pato-de-crista e muitos gaviões tendo como destaque o gavião-do-banhado e caramujeiro, o mais solicitado nas guiadas são as narcejas e soco-boi-baio.

Tremembé passa a ser um bom local para se observar aves aquáticas, de fácil acesso e a 170 km de São Paulo, praticamente que nas margens da Dutra, o arrozal é uma caixa de surpresas, recentemente registramos tuiuiú e alguns observadores viram um maguari. As passarinhas são feitas de dentro do caro estilo safári, as aves não tem medo dos carros.

Quais os principais roteiros em Campos de Jordão/SP para observação de aves?

Toda Campos do Jordão/SP está no meu roteiro, mas o pico do Imbiri atende a 90% das aves de Campos do Jordão/SP.

Que espécies podem ser encontradas?

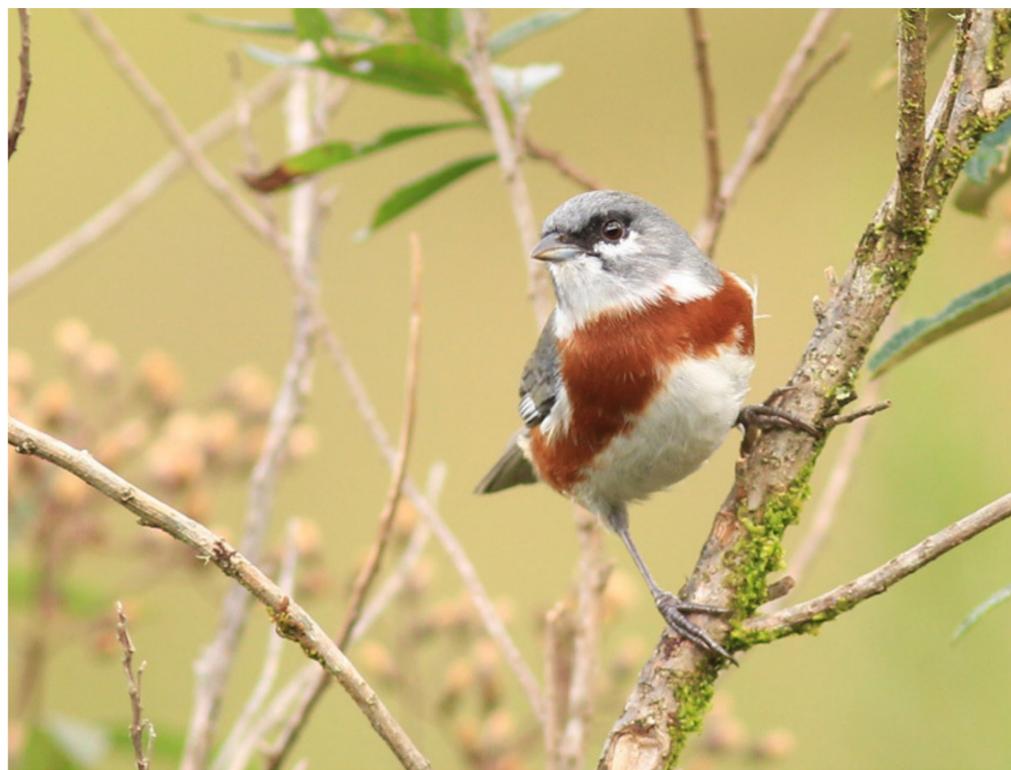
Mais de 200 espécies podem ser observadas em Campos do Jordão/SP, entre elas algumas desejadas, como canelirinho-de-chapéu-preto, saudade, papagaio-de-peito-roxo, caminheiro-de-barriga-acanelada, tico-tico-do-banhado, canário-do-brejo, papa-moscas-de-costas-cinzenta e muitas outras.



canelirinho-de-chapéu-preto, *Piprites pileata*



tico-tico-do-banhado, *Donacospiza albifrons*



peito-pinhão, *Poospiza thoracica*

E quais as espécies mais solicitadas pelos observadores de aves?

Cada cidade tem suas aves de maior ocorrência e algumas são raridade que acabam tendo um grande valor pelos observadores. Campos do Jordão, estando entre 1400 a 1900 de altitude com fácil acesso aos ambientes de altitude, tem algumas aves de tirar o fôlego como: caneleirinho-de-chapéu-preto, papagaio-peito-roxo, saudade, tesourinha-da-mata, estalinho, caminheiro-de-barriga-acanelada e muitos outros. Cada pessoa tem uma ave que gostaria mais de observar, porém o caneleirinho-de-chapéu-preto vem em primeiro lugar pela beleza e sua raridade.

Qual foi sua maior emoção vivida durante uma passarinhada, e por quê?

Uma amiga que veio a Campos do Jordão/SP 14 vezes para ver a saudade com outros guias, mas no primeiro dia que fomos juntos a saudade ficou a cinco metros de nós.

Qual espécie é seu sonho de consumo?

Gosto de todas, sonho com todas.

Contato Facebook e WikiAves: Thiago Carneiro

Carneiroa3@gmail.com, (12) 99773-2654 ■

Um sonho e um banhado



O meu sonho não era ver o mocho-dos-banhados, se fosse eu iria até Americana e estava resolvido.

Eu nunca me conformei em andar pelos grandes banhados de altitude de

Campos do Jordão e não encontrar esse bicho, passei mais de 100 noites acampado na região, em três anos, toquei *playback*, subi nas montanhas mais altas para ter uma boa visão, mas nada, não encontrei o mocho-dos-banhados, mas nunca desisti, sempre falava para alguns amigos que esse bicho morava ali.

Acreditei tanto que esse bicho morava aqui nos banhados de altitude, que em uma bela tarde guiando o grande amigo Roberto, paramos em um belo local para chamar a perdiz. Era uma tarde de por do sol alaranjado e com muita neblina, uma cena de filme, quando de repente surge nas névoas uma ave voando macio, sem um bater de asas, observando tudo ao seu redor, bem próximo ao solo. Quando coloquei o binóculo nos olhos era ele se materializando das nuvens, o momento mais mágico que já vivenciei em campo, o mocho dos banhados deixou de ser lenda aqui na Mantiqueira e agora ele existe.

Agradeço profundamente a Mãe natureza por esse presente.

Ainda que não me considere especialmente neurótica, andar com câmera grande em qualquer lugar de São Paulo não parecia ser a atitude mais sábia. Passei anos passarinhoando só em outras cidades e sempre acompanhada. Mas aos poucos, e com mais intensidade em 2014, descobri que é possível passarinhoar na cidade de São Paulo, mesmo sozinha e com uma câmera chamativa.

É seguro passarinhoar em parques urbanos?

Quem me dera poder garantir que se você for para tal lugar, nunca haverá risco.

Riscos existem sempre, mas vou compartilhar algumas considerações de quem passarinhoou bastante em 2014 em parques urbanos, sozinha e também na companhia de amigos.

- Nos parques urbanos, o maior cuidado é não ir para lugares isolados do fluxo de pessoas. Sempre há gente correndo ou caminhando, é mais improvável alguém querer lhe assaltar se houver outras pessoas por perto. Além disso, vários parques de São Paulo têm seguranças fazendo a ronda.

- Evito lugares isolados, mas tento não expor o equipamento se há muita gente em volta. Se estou sozinha só tiro a câmera perto das trilhas e guardo antes de voltar para perto do estacionamento ou a entrada do parque.

- Se você está sozinho e é sua primeira vez no parque, também é prudente não tirar a câmera logo que você chega, e sim dar uma volta e olhar as pessoas, sentir se há um clima seguro.

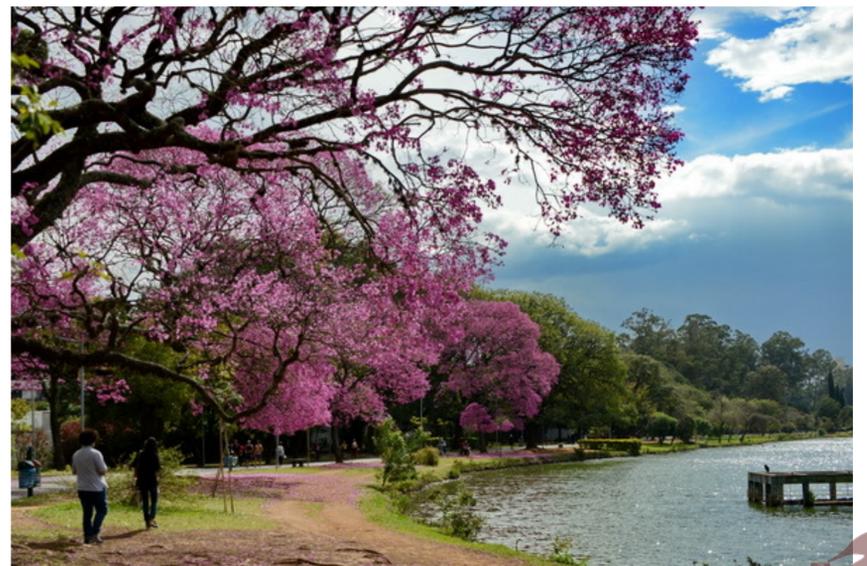
- Lugares como o Ibirapuera, o Villa-Lobos, o Jardim Botânico, até mesmo o Horto e o Parque Ecológico do Tietê me transmitiram segurança, porque são locais em que todos parecem estar lá para praticar atividades físicas ou apreciar o parque. Não tenho vontade de ir a parques próximos de grandes aglomerações urbanas, como os parques do centro ou o Trianon, esses eu considero mais arriscados.

- Ainda assim, talvez você se veja numa situação de sentir que alguém está lhe seguindo, e sem gente em volta para ajudar. Nesse caso, a sugestão é você abordar a pessoa. Pergunte as horas, alguma informação sobre o local, seja simpático, puxe papo. Não sei explicar o mecanismo, mas muitas vezes isso desconcerta o assaltante e impede o crime. E se não era um assaltante, só uma má impressão, você acaba com a angústia também (não tenho experiência própria, só li a respeito, e tenho um amigo que me disse que já sentiu que seria assaltado, e usou essa técnica).

- Em áreas rurais, parques estaduais ou nacionais o risco de assalto é menor ainda. Nos Estados Unidos e na África do Sul andei sem medo, inclusive em trilhas isoladas. Mas no Brasil ajo diferente.



Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Curucutu



Parque do Ibirapuera. São Paulo/SP



Aves no Ibirapuera: periquito-rico, falcão-de-coleira, cambacica

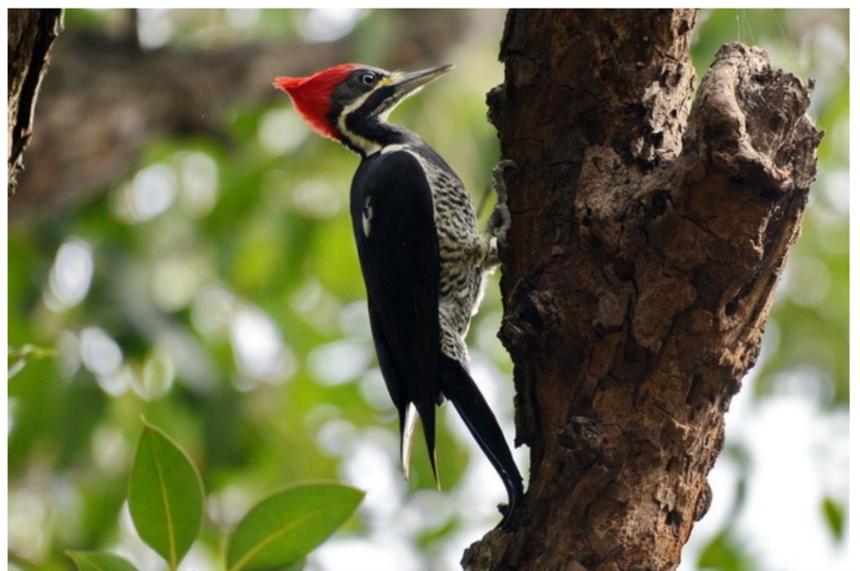
Parque do Ibirapuera

O meu favorito. É grande, tem vários ambientes, fica aberto das 5h à meia-noite, e 24h de sábado para domingo. Às vezes os seguranças abordam quem está com câmera grande, às vezes não.

Há as aves comuns de áreas abertas e com água, e também é possível ver cardeal-do-nordeste, corrupeirão, papagaio-verdadeiro, maracanã-pequena, arapaçu-do-cerrado, gavião-miúdo, falcão-de-coleira, pica-pau-de-banda-branca, curicaca, mariquita, pula-pula, sabiá-laranjeira leucístico, saí-canário, e até mesmo um mocho-diabo.

O viveiro de plantas Manequinho Lopes e seus arredores é parada obrigatória. O pica-pau-de-cabeça-amarela está sempre por lá, e às vezes há pintassilgos nos margaridões. Em meio às árvores altas, fique atento para a possibilidade de ver-ouvir pica-paus. Em julho a floração dos ipês rosa dá um toque onírico ao parque. Em agosto há a floração das cerejeiras, outra beleza de se ver.

O parque é muito popular, e em fins de semana com sol pode ficar intransitável. Todas as vezes que fui passarinho foi durante a semana, mas imagino que em finais de semana é possível aproveitar o período das 6h às 10h.

alma-de-gato, *Piaya cayana*pica-pau-de-banda-branca, *Dryocopus lineatus*

Parque Villa-Lobos

O Villa-Lobos foi o parque do Avistar – o maior encontro de observadores de aves da América do Sul, até o ano passado. Nos dias do encontro, os observadores experientes encontraram pavó, coruja-orelhuda, gavião-miúdo.

Moro a 15 minutos do parque, já fui passarinho lá algumas vezes, mas nunca vi essas espécies. Ainda assim, sempre me diverti com as aves de áreas abertas.

Nos gramados perto da marginal é provável encontrar os periquitos, os canários, os quero-queros, bicos-de-lacre. Os periquitos aproveitam a frutificação das paineiras no

início de agosto, e as flores do jacarandá-mimoso no final de setembro.

As aves se alimentando, ou essas mais comuns – se você se abaixa bastante, ou até deita de bruços na grama, sempre rendem fotos legais.

O Villa-Lobos é seguro e tranquilo, mas tem restrições à fotografia. Com uma câmera compacta às vezes os seguranças até deixam, mas se você estiver com uma DSLR inevitavelmente eles virão perguntar se você tem a tal autorização.

Para ter uma ideia, durante o Avistar de 2014 alguns seguranças proibiram os colegas birdwatchers de fotografar.



tesourinha, *Tyrannus savana*



bico-de-lacre, *Estrilda astrild*



Aves no Villa-Lobos: pardal, periquito-rico, caneleiro



Parque Ecológico do Tietê: nem só de aves se faz uma passarinhada

Parque Ecológico do Tietê – PET

Alguns anos atrás o parque tinha a fama de ser um local perigoso, mas fui com alguns amigos no ano passado e vimos que hoje é diferente: seguranças em carros e motos circulando pelo parque, muita gente caminhando, desses que olham para você, sorriem e falam bom dia. A administração do parque é a favor da observação de aves.

As estradas principais em que circulam a maioria dos caminhantes e os carros da segurança parecem seguras. Há trilhas secundárias, que adentram na região da várzea (onde você pode ser devorado por pernilongos) e a região de reflorestamento perto da rodovia, com várias árvores atrativas para aves – mas talvez seja melhor ir sempre acompanhado nesses locais isolados do fluxo de gente.

Aves prováveis de se ver: carão, garça-branca-grande,

garça-branca-pequena, savacu, socozinho, biguá, garça-moura, frango-d'água-comum, biguatinga, pé-vermelho, lavadeira-mascarada, jaçanã, cardeal, curutié, sabiá-laranjeira, sabiá-poca, sabiá-barranco, tuim, periquito-rico, ferreirinho-relógio, bem-te-vi, bem-te-vi-rajado, mergulhão-caçador, martim-pescador-pequeno, coleirinho, pia-cobra, cambacica, figurinha-de-rabo-castanho, joão-de-barro, pula-pula, caracará, gavião-carijó. Durante uma época um gavião-belo morou no parque. Também há registros de tiê-sangue, pavó, marrecas e maçaricos.

O parque tem uma população grande de quatis, não os alimente. As três vezes que fui foi durante a semana. Em fins de semana fica bem lotado, mas provavelmente das 6h às 10h é possível passarinhar.

gavião-belo, *Busarellus nigricollis*tuim, *Forpus xanthopterygius*



Aves na Represa de Guarapiranga: gavião-caramujeiro, marreca-cricri, maria-faceira

Represa de Guarapiranga – passarinhando de caiaque

O amigo Vinícius Neves me apresentou um passeio que eu adorei: passarinhar de dentro de um caiaque. Antes do primeiro passeio havia aquelas dúvidas sobre o risco do caiaque virar, e se durante as remadas molha muito a câmera. Mas por fim decidi ir, e foi uma delícia. Fui passarinhar três vezes.

O risco de um caiaque virar é baixo: a não ser que o clima esteja ruim, ventando muito, e nesse caso você não deve fazer o passeio. Fui com a câmera no colo, e dependendo do ângulo do remo molhava um pouco, mas logo você aprende o movimento certo. Levamos também uma bolsa impermeável, e nuns trechos mais longos, para remar despreocupados com os respingos, guardávamos a câmera na bolsa.

Passarinhar de caiaque é mais intenso do que passarinhar de dentro de um barquinho. Você fica mais próximo da água, não há barulho de motor, você se move como quiser usando a força dos seus braços.

Aves do passeio: gavião-caramujeiro, pernalongos-de-costas-brancas, marreca-cricri, maria-faceira, garça-moura, jaçanã, biguatinga, biguá, bem-te-vi, garça-branca-grande, garça-branca-pequena, socozinho, lavadeira-mascarada, irerê, frango-

d'água-comum, quero-quero, carrapateiro. Numa das vezes vimos uma águia-pescadora, e em outra um cabeça-seca.

Todos os passeios foram feitos com o Raul Porto Serricchio, que aluga os caiaques e também lhe acompanha durante o passeio. Em fins de semana é concorrido conseguir vaga com ele. Os passeios na Guarapiranga, nesse trecho em frente ao Solo Sagrado foram tranquilos, mas ouvi falar que na Billings pode ser perigoso.

O ponto de onde se sai para o passeio fica em frente ao Solo Sagrado, num condomínio particular. Pelo menos no ano passado, se avisávamos com antecedência havia água de coco gelada para comprar, (e sempre havia refrigerantes e cerveja) e saquinhos de batata frita.



Observação-de-aves através de caiaque na Represa de Guarapiranga

Parque Linear Nove de Julho

No Estado de São Paulo, é um dos lugares mais prováveis para ver o mergulhão-grande, uma ave que em geral vive no Sul, mas uma população se estabeleceu em alguns locais da cidade de São Paulo.

No dia que fui, tivemos a sorte de ver um bando de mergulhões, inclusive com um lindo filhotinho nas costas do adulto. Também é possível ver pernalongos-de-costas-brancas, caminheiro-zumbidor, bico-de-lacre, polícia-inglesa-do-sul, primavera, canário-da-terra, bico-de-lacre, suiriri-pequeno, marreca-cricri, mergulhão-caçador.

Há seguranças no parque, e ninguém implicou com as câmeras.

As pessoas estavam curiosas com a gente, e alguns garotos de bicicleta vieram falar coisas como “Me paga um real e eu deixo tirar uma foto minha”, mas o clima era tranquilo.

O parque é pequeno e as áreas são abertas, considero baixo o risco de assalto.

Fomos durante a semana em torno das 9h e pegamos muito trânsito. Se você for, recomendo programar para chegar antes das 7h, para pegar menos congestionamento.



Parque Linear Nove de Julho: pernalongo-de-costas-brancas, *Himantopus melanurus* (esquerda), mergulhão, *Podiceps major* (direita)



um milhão de amigos observando aves no Brasil!





Jardim Botânico: além de local para observação de aves, um destino para amantes da macrofotografia

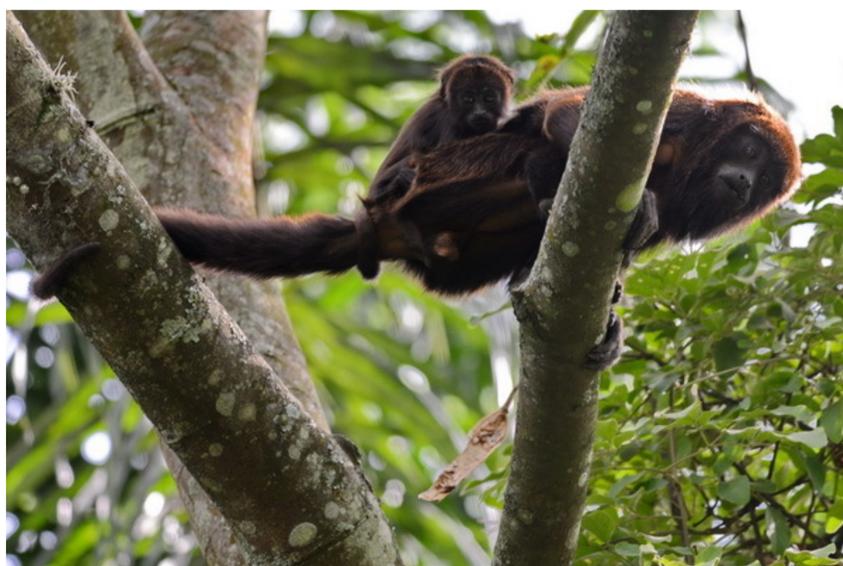
Jardim Botânico de São Paulo

Um parque bonito, tranquilo, seguro. Palmeiras altas, restaurante e lanchonete, deck e passarela de madeira. Nos fins de semana é um local popular para piqueniques. Há bugios, e em alguns horários você pode ouvir aquele som incrível que eles fazem, que parece corrida de kart.

O Jardim Botânico de São Paulo abriga uma população de marreca-pardinha (*Anas flavirostris*). Outro caso de espécie que vive no Sul, mas um grupo decidiu se estabelecer em São Paulo. Também há jacupembas, tucano-de-bico-verde, pé-vermelho, irerê, frango-d'água-comum, biguá, savacu, colhereiro, alma-de-gato,

garça-branca-grande, garça-branca-pequena, (inclusive com uma árvore dormitório) garça-moura, pica-pau-do-campo, saracura-do-mato, pula-pula, suiriri-cavaleiro, bem-te-vi, beija-flor-de-peito-azul, lavadeira-mascarada, pica-pau-de-banda-branca.

Apesar da mata ser bem interessante, nas vezes que fui – inclusive às 6h, nunca vi muitas aves. No ano passado a administração do parque iniciou um diálogo com os birdwatchers, talvez haja uma parceria com o Centro de Estudos Ornitológicos para levantamento das espécies e identificação dos pontos mais atrativos. O Jardim Botânico também é ótimo para fotografia de insetos.



bugio, *Alouatta guariba clamitans*



biguá, *Phalacrocorax brasilianus*





Parque da aclimação: local tranquilo, com um belo diferencial, um comedouro

Parque da Aclimação

Só fui uma vez, numa rápida passagem depois do almoço, mas decidi citar porque considerei um local tranquilo e agradável, com um diferencial: há um comedouro com muitos mamões e bananas, mantido por um senhor que todos os dias vai colocar frutas para as aves. Na hora que passei por lá eram principalmente sabiás, bem-te-vis e sanhaços, não sei se pela manhã aparecem outras aves.

Vi periquito-rico, coleirinho, garça-branca-grande, frango-d'água-comum, bem-te-vi, sanhaço-cinzento, sabiá-laranjeira, quero-quero, corruíra. O WikiAves tem

registros de pica-pau-de-cabeça-amarela, beija-flor-de-fronte-violeta, biguá, savacu, pombão, pica-pau-anão-de-coleira, ferreirinho-relógio, bico-de-lacre, maçarico-solitário, pica-pau-de-banda-branca, arapaçu-de-cerrado, garça-moura, garça-branca-pequena, juruviara, tiê-de-topete.

Não há lanchonete dentro do parque, mas há estabelecimentos nos arredores. Para almoçar recomendo um vegetariano em frente ao parque, no Anna Prem, na Rua Muniz de Souza 1.170.

Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Curucutu

Quase fora do município de São Paulo. Fica a 2h da Zona Sul, uma pequena aventura para chegar, inclusive o trecho final, de estrada de terra bem esburacada. Mas se você quer um pouco de aventura off-road, vale a pena.

Não vimos muitas aves, mas em compensação foi a ocasião em que vi corocochós mais de perto. Lindos, tranquilos, sem medo. Vimos também um papa-moscas-cinzento bem de perto, tangará, choquinha-de-asa-ferrugem, bico-virado-carijó de relance.

A lista oficial do parque tem mais de 350 espécies, muitas interessantes, mas um dos colegas ornitólogos que conhece o parque havia avisado que a diversidade é alta, mas os avistamentos são esparsos. Ainda assim, recomendo o passeio, tanto para mudar da sintonia urbana, como pelas belas paisagens.

Mais informações:

- É preciso agendar o passeio com antecedência, e você será acompanhado de um monitor ambiental.
- É gratuito, os funcionários são muito simpáticos.
- O parque não dispõe de lanchonete.
- Página do parque pode ser acessada nesse link.





Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo Curucutu

Horto Florestal

O Horto fica próximo da Cantareira, mas diferente da Cantareira abre também durante a semana. Fui lá duas vezes.

Na primeira vi um casal de falcões-relógio (mas sem mole para fotos). Na segunda vez tivemos um momento incrível com um casal de chorozinhos-de-asa-vermelha e o miudinho, ambos no nível dos olhos, às vezes até mais baixo, e bem próximos, eles não se importavam com nossa presença.

Também vimos arapaçu-de-garganta-branca comendo lagartixa, martim-pescador-verde, vira-folha, bico-chato-de-orelha-preta, soquinho, garça-branca-pequena, pé-vermelho, frango-d'água-comum, biguá, biguatinga, choca-da-mata, choca-barrada, bem-te-vi, tiê-de-topete, saí-canário, saíra-de-chapéu-preto, pitiguari,

pica-pau-anão-escamado, picapauzinho-verde-carijó, piolhinho, fim-fim, tiriba-de-testa-vermelha.

No lago há capivaras e tartarugas.

Há mais de uma entrada no parque, veja as indicações na página 40 para ver o local que entramos, onde havia o casal de falcões-relógio por perto, e o bando de chorozinhos e as saíras ao redor do lago.

Há lanchonete no local.

O clima é tranquilo, com muitas pessoas fazendo caminhada pela manhã durante a semana. Imagino que em fins de semana é mais lotado.

Um funcionário veio nos pedir gentilmente para irmos, quando possível, até a administração assinar o tal termo de não comercialização das imagens. Mas ele foi muito simpático, e disse “quando estiverem terminando, não precisa ser agora”.

arapaçu-de-garganta-branca, *Xiphocolaptes albicollis*miudinho, *Myiornis auricularis*

Parque Burle Marx

O Parque Burle Marx é uma pequena área verde no Morumbi, com trechos de Mata Atlântica densa, às margens da Marginal Pinheiros. É um parque municipal administrado por uma fundação. Infelizmente, isso não o salva do risco de ter um bom pedaço destruído pela possível construção de uma nova ponte.

Fomos apenas uma vez no local, mas posso dizer que é agradável e tranquilo. Vimos abre-asa-de-cabeça-cinza, mariquita, soquinho, savacu, garça-branca-pequena, alma-de-gato, pica-pau-de-cabeça-amarela, sabiá-laranjeira, e também uma juriti-gemeadeira – uma pomba de mata, arisca, que eu ainda não tinha conseguido fotografar.

No Wikiaves há registro de pica-pau-de-banda-branca,

pica-pau-de-cabeça-amarela, gaturamo-bandeira, tuim, periquito-rico, sabiá-barranco e até sabiá-coleira. E sei que um amigo já viu pavó por lá.

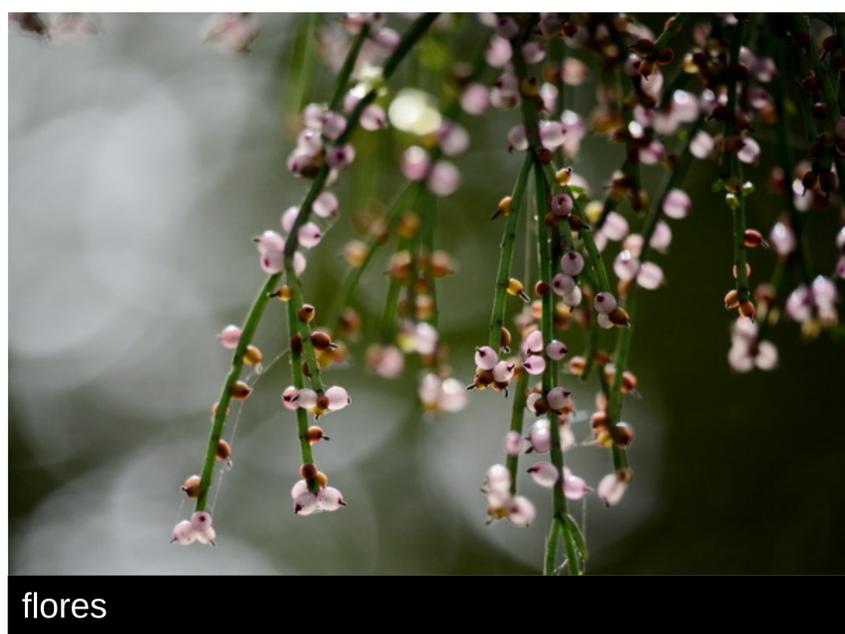
No dia que fomos um segurança veio nos falar que era preciso pagar a taxa de R\$ 30 para fotografar. Expliquei que era fotografia por hobby, não comercial, e que quando a administração abrisse iríamos lá falar com eles. Foi tudo tranquilo, mas imagino que é daqueles casos em que de vez em quando há funcionários mal informados, porque um tempo depois soube de um amigo de quem tentaram cobrar taxa. Mas você pode ir sem receio, se precisar mostre que no próprio site deles, na página <http://parqueburlemarx.com.br/fotos-e-filmagens/> há a informação "Não é necessário autorização para realizar fotos da natureza (sem finalidade comercial)."



paisagem do Parque Burle Marx



garça-branca-pequena, *Egretta thula*



flores



savacu, *Nycticorax nycticorax*

Parque do Carmo

Outro parque que só fui uma vez, devido à distância (fica em Itaquera). Na relação custo-benefício, o Ibirapuera é mais atrativo, mas com certeza é um local que vale a pena, especialmente em julho na floração das cerejeiras. Combinado com piquenique fica um passeio delicioso.

Pegamos um dia nublado, e na verdade não vimos muitas aves, mas tivemos a sorte de topar com um estrelinha-ametista macho e um gavião-de-cabeça-cinza.

Também vimos papagaio-verdadeiro, pica-pau-de-cabeça-amarela, tiê-de-topete, pica-pau-verde-barrado, pitiguari, saíra-amarela, garça-branca-pequena, cambacica, sanhaçu-cinzento, beija-flor-tesoura. Na hora do almoço o tempo abriu e começaram a aparecer mais aves nas cerejeiras, mas tínhamos hora para ir embora.

Cantareira

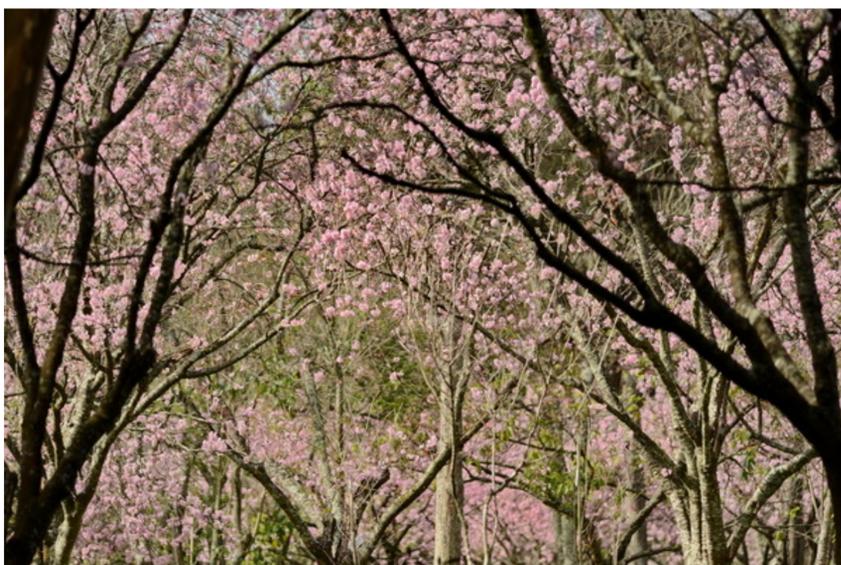
Os birdwatchers mais experientes costumam preferir a Cantareira, porque é o local em que você pode ver aves como chocão-carijó, limpa-folha-coroadado, choquinha-de-garganta-pintada, arapaçu-rajado, flautim, tiê-do-mato-grosso, surucuá-variado, araçari-banana, até mesmo macuco. É uma mata incrível mas só abre em

fins de semana e feriados, o que para mim dificulta. Se você é o tipo de gente normal, que costuma passear em fins de semana, e não tem problemas para fotografar em ambientes de mata fechada, recomendo.

Eu só fui à Cantareira em 2008, quando nem sabia que estava me tornando uma birdwatcher. Ficamos com uma impressão ruim porque os seguranças vieram nos falar que era perigoso andar lá com aquelas câmeras grandes, e que umas semanas atrás haviam roubado a câmera de uma mulher. Mas os colegas que frequentam a Cantareira hoje em dia dizem que não sentem que é perigoso assim, ainda que recomendem não ir sozinho. Fomos umas três vezes no final de 2008. Mesmo meio inexperientes e sem playback, fotografamos saí-andorinha, saíra-sete-cores, caneleiro, arapaçu-verde, juruviara, bico-chato-de-orelha-preta, limpa-folha-de-testa-baia, tangará, choca-da-mata, tiê-de-topete, bem-te-vi-rajado, mergulhão-caçador. E vimos araçari-banana e tiês-do-mato-grosso.

Mais informações no site do parque, nesse link.

Também vale a pena usar o Wikiaves, menu Fotos | Busca Avançada, escreva Local: Cantareira, cidade São Paulo – SP, você verá os registros e em que núcleos foram feitos. Se precisar, entre em contato com o autor da foto para pedir dicas.



Floração das cerejeiras no Parque do Carmo



trepadorzinho, *Heliobletus contaminatus*, na cantareira

Sobre a restrição à fotografia de natureza no Brasil

Os parques brasileiros municipais, estaduais ou nacionais, em geral são regidos por algum tipo de portaria ou instrução normativa.

Esses regulamentos dizem que se a pessoa for fazer uso comercial da imagem precisa pagar uma taxa ao parque. Algo como uns R\$ 3 mil por uma manhã, porque pressupõe gravação de comercial. É claro que os funcionários não vão tentar lhe cobrar esse valor, mas quem porta uma câmera DSLR muitas vezes só pode fotografar se assinar um documento dizendo que não fará uso comercial das imagens.

O Burle Marx cobra taxas mais reais dos pequenos fotógrafos (algo como R\$ 30,00 para quem vai fazer um ensaio de uma grávida), mas é um parque regido por uma fundação, e não tenho certeza se é certo cobrar dos fotógrafos de pessoas.

Um *personal trainer* também está fazendo uso comercial do parque, e nunca ouvi falar de tentativas de cobrança. Hoje em dia tem sido cada vez mais raro proibirem alguém de fotografar natureza, e alguns parques não entram na onda de exigir que qualquer um com uma DSLR assine o papel. Mas diretores mudam o tempo

todo, e se ele quiser cumprir o que está na portaria pode complicar bastante a vida dos fotógrafos.

Lamento essa postura dos legisladores brasileiros. Em vez de incentivarem a produção e divulgação de imagens, as auto-publicações (tanto pelos amadores como pelos profissionais), que poderiam chamar a atenção para a importância e fragilidade do nosso meio ambiente, buscam controle total e criam regras como se fotos de natureza fossem vendidas a preço de ouro – quando na verdade o valor de venda de uma foto diminui cada vez mais.

Foto bonita divulga, mas os parques dificultam.

Saiba mais em www.virtude-ag.com/liberdade. ■

70% das fotos deste artigo foram feitas em 2014, com uma Nikon D800 e uma Sigma 50-500.

Algumas do Botânico e do Villa-Lobos foram feitas com Canon 7D e 50D, e do Zoo e da Cantareira com Nikon D200.

Agradecimentos especiais aos amigos Juliana Diniz, Lucas Longo e Rodrigo Popiel. Graças a esses pardais-gigantes-dourados conheci a maioria dos parques citados, e perdi o medo de passarinho sozinho na cidade.

Chapada dos Veadeiros: várias fitofisionomias, dezenas de cachoeiras, trilhas, morros e paisagens. centenas de espécies de pássaros, milhares de histórias...

Venha viver uma Aventura na **savana** brasileira



Pacotes
ecoturísticos



Roteiros de
Birdwatching



Expedições



Hospedagem



Translados



ECOROTAS
TURISMO



reservas@ecorotas.com.br



facebook.com/ecorotas



62 3446 1820

www.ecorotas.com.br

Mais informações

Parque do Ibirapuera

Av. Pedro Álvares Cabral, s/n (portões 2, 3 e 10), Av. IV Centenário – portões 6 e 7A, Av. República do Líbano – portão 7

Funcionamento: das 5h às 0h (aberto 24h de sábado para domingo). Tem restaurante, lanchonete, quiosques, sanitários. O estacionamento precisa de zona azul a partir das 8h. Mais informações:

<http://www.parqueibirapuera.org/parque-ibirapuera/parque-ibirapuera/>

Parque Villa-Lobos

Av. Professor Fonseca Rodrigues, 2001

Funcionamento: das 5h30 às 19h. No horário de verão, até às 20h Lanchonete, sanitários, estacionamento, bicicletas para alugar.

Parque Ecológico do Tietê

Rodovia Ayrton Senna, km 17. Funcionamento das 6h às 17h (no site oficial está escrito 8h, mas na verdade desde às 6h as pessoas podem entrar)

Lanchonetes, sanitários, estacionamento, bicicletas para alugar das 8h às 16h, pedalinho, pipódromo, churrasqueiras, piscinas.

Mais informações: <http://www.ecotiete.org.br/estrutura/>

Informações detalhadas sobre como chegar: http://www.ecotiete.com/mapas/como_chegar.htm

Parque Linear 9 de Julho

Avenida Ponta do Sol, s/n – Cidade Dutra – SP

Funcionamento: das 7h às 19h

Não tem lanchonete

Mais informações:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_sul/index.php?p=47093

Represa de Guarapiranga

Contato Raul Serricchio: Claro 9 9257-4860 / Vivo 9 7474-7660 / Tim 9 8710-1832. O preço do aluguel do caiaque em 2014 foi R\$20,00 / hora em fins de semana. Durante a semana, o Raul consegue dar descontos, como R\$ 50 pela manhã toda, ou até mais barato se for em grupos grandes. <https://www.facebook.com/raul.portoserricchio>

Jardim Botânico de São Paulo

Av. Miguel Estefano, 3.031

Funcionamento: terça a domingo, das 9h às 17h. Quem faz a carteirinha de caminhante ou de observador de aves pode entrar às 6h. É possível ir até o Metrô São Judas, e de lá pegar um táxi que deve sair por menos de R\$ 15.

Mais informações

Parque da Aclimação

Rua Muniz de Souza, 1.119

Funcionamento: das 6h às 22h

Mais informações: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_centrooeste/?p=5728

Horto Florestal

Rua do Horto, 931 – Horto.

Coloque esse endereço no Waze ou no GPS.

Chegará um momento, logo após um post de gasolina, já na Av. Santa Inês, que você já verá o parque. Me disseram que em alguns casos o GPS lhe manda seguir para a direita, mas o certo é seguir para a esquerda, e olhar as placas. A avenida circunda o parque, e logo vai aparecer uma placa de Horto - Estacionamento. Siga essa placa. Tem um local que há uma bifurcação sem placa, mas você sabe que o parque fica para a direita, siga para lá, logo você verá uma pequena entrada “Parque Estadual Alberto Löfgren”, essa é a entrada certa.

Vale a pena ficar um pouco nos arredores do estacionamento e do pequeno lago.

Funcionamento: das 6h às 18h (como sempre os sites oficiais dizem que abre às 8h, mas na verdade abre às 6h).

Parque Burle Marx

Av. Dona Helena Pereira de Moraes, 200 - Vila Andrade.

Sem lanchonete.

Funcionamento: das 7h às 19h

Outras informações em <http://parqueburlemarx.com.br/>

Parque do Carmo

Av. Afonso de Sampaio e Souza, 951 – Itaquera

Funcionamento: A página oficial diz que o horário é das 5h30 às 18h, mas quando liguei me disseram que é das 6h às 20h. Talvez varie em cada época do ano.

Qualquer dúvida, ligue: Fone: (11) 2748-0010 / (11) 2746-5001

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_leste/index.php?p=5734

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que não sou professor de fotografia. Mas são as conclusões a que cheguei até o momento, e que são fruto das minhas reflexões, leituras, e conversas com amigos mais experientes. Não tenho a pretensão de saber muito, pelo contrário, sigo aprendendo, o que é uma alegria.

Bem, dito isso, vamos ao que interessa.

Existem alguns quesitos importantes que devem ser obedecidos para se fazer uma boa fotografia de aves. Um deles é que, seja a imagem de um pássaro imóvel ou em ação, a ave deve estar nítida.

Na maioria das vezes é desejável que a ave inteira esteja nítida, mas nem sempre se consegue esse resultado. Haveria então alguma parte da ave que precisa ser retratada com nitidez, sem o que a foto como um todo perde qualidade? A meu ver a resposta é sim, e essas partes seriam o olho e o bico. Ambos precisam estar nítidos, sem tremuras. Um olho bem focado, nítido, apresentando suas cores naturais (veja foto do cuiú-cuiú ao lado) e com um discreto brilho valoriza bastante a foto. Talvez isso se explique porque quando olhamos para uma outra pessoa ou mesmo para um animal, a primeira coisa que buscamos instintivamente são seus olhos.

Importante notar que com o aprimoramento dos programas de edição de imagem pode-se tentar corrigir o olho da ave no pós foto, muitas vezes com excelentes resultados.

COMO OBTER UMA IMAGEM NÍTIDA

Um pré-requisito muito importante é que a imagem esteja bem focada. Ouso afirmar que uma foto fora de foco não pode ser nítida. É claro que se há alguns truques para diminuir esse problema. Usar o 'sharpen' nos programas de tratamento de imagem é um deles, mas seu uso excessivo tira o aspecto natural da foto.

Fazer um crop relativamente menor da imagem também pode ajudar. Mas é evidente que tentar obter a imagem bem focada no momento do click seria o ideal. A



cuiú-cuiú / *Pionopsitta pileata*

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 + TC 1.7x

f/8, 1/500, ISO 1000, @850mm

propósito, embora os sensores das câmeras tenham cada vez mais megapixels, o crop excessivo, embora possa não causar problemas quando a foto é para ser postada na internet, pode vir a reduzir significativamente a qualidade da foto se o destino da mesma for a impressão em livro, revista, etc.

No entanto, não basta a foto estar bem focada para ser nítida.

Imagine, por exemplo, uma ave que está paradinha, numa boa situação de luz, sem galhos na frente, etc. Você a foca com perfeição e solta o dedo. Só que, no

momento em que você clicou, a ave balançou a cabeça. Então, essa imagem poderá estar bem focada, mas não nítida. Veja, como exemplo, as fotos da mãe-da-taoca. A primeira ilustra bem a situação descrita. A segunda já mostra a ave nítida.



mãe-da-taoca / *Phlegopsis nigromaculata*

Nessa foto percebe-se o movimento da ave, dada a velocidade baixa do obturador (1/15s)

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 | f/4, 1/15, ISO 2000, @500mm



mãe-da-taoca / *Phlegopsis nigromaculata*

Foto nítida, feita em velocidade baixa (1/15s) e tripé

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 | f/4, 1/15, ISO 2000, @500mm

Por outro lado, se para mim o mais importante é ter nitidez no olho e no bico da ave, não adianta o ponto de

foco estar no peito ou na cauda da ave, ele precisa estar necessariamente na cabeça. A exceção é quando a ave está numa posição tal que todo o seu corpo esteja num mesmo plano. Mesmo assim, é recomendável tentar focar sempre o mais próximo possível do olho do animal.

Vamos então analisar outros fatores importantes para chegarmos ao resultado que desejamos. Seriam eles: velocidade do obturador, abertura, sensibilidade ISO, levantamento do espelho, disparo por controle remoto, uso de tripé e monopé.

Com relação à velocidade do obturador, é preciso que ela seja suficientemente alta para compensar o tremor das mãos do fotógrafo, do equipamento, que às vezes é bem pesado, do movimento da ave, quando em vôo, por exemplo. Em tese, quanto mais alta a velocidade do obturador mais chances temos de conseguir uma foto nítida.

Mas isso não quer dizer que somente com altas velocidades é possível obter fotos nítidas. Conheço alguns fotógrafos que, mesmo com um equipamento pesado como uma 300 f2.8 conseguem bons resultados sem o auxílio de tripé ou monopé e com velocidades baixas, por exemplo, de 1/20 s. No entanto, a maioria das pessoas não consegue boas imagens a velocidades tão baixas, se tirar a foto "na mão".

Em locais onde a luz disponível é escassa, como as matas atlântica e amazônica, quase nunca se consegue uma velocidade suficiente para se obter boa nitidez a não ser com ISO estratosférica e aberturas do diafragma altas, como 2.8 ou 4.0.

Todos sabemos o resultado de ISO muito elevadas, e quanto a lentes 2.8 apenas uma minoria bem pequena dos fotógrafos a possuem. É bem verdade que existem câmeras top de linha que possibilitam a utilização de ISO acima de 3200 sem perda de qualidade gritante, mas pouca gente tem essas câmeras na nossa comunidade.

O uso de tripés e monopés ajuda, e bastante, a obter fotos nítidas com menor velocidade de obturação.



O problema com esses dispositivos é que a pessoa perde agilidade, e às vezes frações de segundo são decisivas. Eu uso sempre tripé com a minha 500 f/4, e não foram poucas as fotos que perdi ótimas oportunidades de foto em virtude da perda de tempo que envolve mover o equipamento acoplado ao tripé de um lugar para outro, mesmo que a distância seja pequena. Mas enfim, o ganho que tenho podendo fotografar com velocidades mais baixas do obturador me satisfaz.

Outras variáveis que influenciam na velocidade do obturador são a abertura e a sensibilidade ISO. Eu fotografo quase sempre em modo de prioridade de abertura.

Na mata escura coloco a ISO mais alta, geralmente 1600, podendo chegar a um pouco mais, tipo 2000 ou 2500, Acima disso a minha câmera, que é uma Nikon D800, já começa a granular demais. Coloco a abertura no máximo, no caso f4, e compenso a exposição para menos. Isso por que com fundos escuros as câmeras clareiam a imagem, para aproximá-las da cor do famoso cartão cinza. Então, compensar a exposição para menos neutraliza esse clareamento e de quebra me dá um aumento da velocidade do obturador. Na maioria das

vezes lanço mão de uma compensação de exposição entre 0,7 e 1,0. Como uso tripé, as velocidades iguais ou superiores a 1/60 s geralmente já são suficientes para se conseguir fotos nítidas.

Ultimamente tenho lançado mão de fotografar com o dispositivo 'mirror up' (espelho levantado) acionado.

Se por um lado não consigo fazer fotos em sequência veloz (só dá para fazer fotos uma a uma) eu ganho em nitidez, pois o espelho estando imóvel durante o click a câmera treme menos. Esse foi um dos inúmeros conselhos dados pelo saudoso Luiz Claudio Marigo, com quem tive a felicidade de aprender muita coisa. Algumas pessoas usam o disparador por controle remoto, e elogiam os resultados. Eu confesso que ainda não usei.



pavó / *Pyroderus scutatus*

Foto em velocidade baixa (1/13s), tripé e espelho levantado
Nikon D800, Nikkor 200-400mm f/4 | f/4, 1/15, ISO 2000, @320mm

Foto: Jefferson Silva



maria-leque-do-sudeste / *Onychorhynchus swainsoni*

Foto feita com controle remoto e espelho levantado
Canon 7D, 500mm f/4 IS L | f/4, 1/15s, ISO 400, @500mm

Com o espelho levantado consegui fotos bem nítidas com velocidades em torno de 1/10 s. Nesse caso, se a ave se mover nem que seja um pouquinho a foto fica borrada, mas se ficar quietinha muitas vezes fica legal. Um bom exemplo é a foto do pavó.

Bem, é claro que em locais com abundancia de luz as configurações são outras.

Se estou por exemplo num local de cerrado, como a Serra da Canastra ou o Parque das Emas, não vou usar espelho levantado, pois esse artifício impede fotos rápidas em sequência. Vou muito provavelmente fechar a abertura e diminuir a ISO. Isso vai me dar mais nitidez e riqueza de detalhes.

Mas uma coisa que gosto nesses locais onde a luz é farta é fotografar com velocidades altas do obturador. Mesmo que para isso eu não baixe tanto a ISO. A razão é a seguinte: vamos imaginar que alguém esteja fotografando uma ave empoleirada, quietinha. De repente, sem avisar, ela faz um movimento, como se espreguiçar, ou levantar as asas, ou ate mesmo decolar. Se a câmera está regulada para ter uma alta velocidade de obturação as imagens que captarem esses movimentos têm mais chances de ficarem nítidas. O que perco com isso é uma riqueza de detalhes a mais pelo fato da ISO não estar tão baixa. Aí é questão de gosto, eu prefiro não perder a chance de conseguir uma foto nítida com alguma ação. Veja um exemplo na foto ao lado, do papagaio-verdadeiro.

Um detalhe que vale a pena mencionar e que independe do equipamento que a pessoa possa ter, seja ele sofisticado ou simples, leve ou pesado, é a atenção na hora de clicar. Procurar se concentrar ao máximo no momento e segurar o equipamento de maneira firme, de forma a diminuir a trepidação do mesmo, é bem importante. Pressionar levemente a câmera contra o rosto pode ajudar. Para os que, como eu, usam tripé, posicionar a mão esquerda sobre a lente para com o peso da mão evitar a trepidação do equipamento na hora do click também é aconselhável



papagaio-verdadeiro / *Amazona aestiva*

Foto em velocidade baixa (1/13s), tripé e espelho levantado

Nikon D800, Nikkor 400mm f/4

f/11, 1/1255, ISO 1600, @400mm, -0.3

Bem, esses foram os pontos que considerei importantes abordar para se obter uma foto nítida. Muito provavelmente existem outros, que posso ter esquecido ou que infelizmente desconheço.

Como disse no início do texto, não sou professor, me vejo como alguém que gosta de aprender e também de compartilhar seus conhecimentos, por mais que possam ser imperfeitos e incompletos.

Devagar e sempre a gente vai chegando lá! ■



Festival dos papagaios em Urupema/SC

Texto: Tietta Pivatto



papagaio-charão, *Amazona pretrei*

Foto: João Quental



revoada dos papagaios

Foto: Tietta Pivatto

Entre os dias 01 e 03 maio deste ano aconteceu a quarta edição do Festival do Papagaio-Charão, junto com o II Festival do Papagaio-de-Peito-Roxo em Urupema, SC. Embora os termômetros comprovassem que estávamos na cidade mais fria do Brasil, a gentileza dos moradores contrastava com as baixas temperaturas.

Urupema é um pequeno município com cerca de dois mil e quinhentos habitantes. Seu relevo montanhoso e rochoso, coberto por campos nativos e florestas de araucária, confere à paisagem uma beleza cênica especial. Aos poucos a região vem se destacando como um destino interessante de inverno, em especial a Eco Pousada Rio dos Touros e seus chalés aconchegantes. Mas não é apenas a paisagem natural que encanta.

É possível conhecer pequenas fazendas de gado, plantações de maçãs, uvas para produção de vinhos cada vez mais saborosos e muito, muito pinhão.

Porém o que me levou para lá pela terceira vez consecutiva não foi especificamente nenhuma dessas delícias, e sim os papagaios. Nessa época do ano milhares de papagaios-charão viajam centenas de quilômetros vindos do Rio Grande do Sul em busca das florestas de araucária da região para alimentarem-se dos pinhões.

É um evento importante, pois a sobrevivência destas

aves depende da conservação e do manejo sustentável da vegetação, uma vez que o extrativismo também faz parte da economia local.

O papagaio-charão é uma das únicas espécies de papagaios do gênero *Amazona* que apresenta dimorfismo sexual. Os dois sexos tem cor predominante verde, e são diferenciados pela máscara vermelha e espelhos vermelhos da asa mais evidentes no macho, sendo que indivíduos jovens apresentam pouco vermelho.

Além do pinhão, o papagaio-charão se alimenta também dos frutos secos e gemas florais de outras espécies nativas e exóticas da região, especialmente fora do período de produção dos pinhões quando os numerosos bandos se espalham pelo nordeste, centro e sudeste do Rio Grande do Sul.

Nesse período, ocupa uma paisagem caracterizada por pequenas formações florestais conhecidas por capões de mato, em meio a áreas abertas, hoje bastante antropomorfizadas, constituídas por campos ou lavouras, dormindo em áreas de pinos e eucalipto.

É considerado pela IUCN (União Internacional para Conservação da Natureza) como espécie vulnerável à extinção exatamente devido à redução de áreas naturais onde pode se alimentar e se reproduzir.

papagaio-charão, *Amazona pretrei*

Foto: João Quental



Roda de Passarinhos com a criançada, no festival de 2014

Foto: Tietta Pivatto

Em situação mais crítica está o papagaio-de-peito-roxo, que embora tenha uma distribuição mais ampla do que o papagaio-charão, tem populações bem mais reduzidas, sendo que uma das principais ameaças à sua conservação é a retirada de aves da natureza para abastecer o tráfico, e a destruição de seu habitat. Por isso é considerado em perigo pela IUCN.

É identificado pelo padrão escamado arroxeadado das penas do peito. As penas da cabeça, dorso e cauda são verdes e na nuca há uma "gola" azul. Pode-se observar uma coloração vermelha nos extremos das asas, base do bico, encontro e espelho alar. Possui dieta bem variada, alimentam-se de sementes, frutas, flores e folhas.

No Brasil, é encontrado do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, mas também vive no sudeste do Paraguai e Misiones, na Argentina. Geralmente está associado à Mata de Araucárias.

As duas espécies contam com o apoio de instituições como a UFP e Instituto Espaço Silvestre para ações de manejo e conservação, que atuam também na educação ambiental da comunidade.

O incentivo ao turismo de observação de aves faz parte dessas ações, uma vez que o turista que visita a região deixa recursos em vários setores da comunidade local, desde o guia especialista até a pousada e seus insumos,

além do consumo de artesanatos, alimentos e outros itens.

E tudo isto estava bem representado durante o festival, com palestras voltadas ao empreendedorismo, conservação e produção, dando oportunidade aos participantes de conhecer as diversas formas com que a observação de aves pode contribuir para o desenvolvimento da região.

E para todos nós que viajamos para lá em busca de fotos e observação dos papagaios, a expectativa era sempre nas primeiras horas da manhã, quando o primeiro som dos bandos começava. E mesmo com temperaturas em torno de cinco graus, grupos de observadores já estavam posicionados à espera das primeiras aves. Aos poucos o barulho ia aumentando na mesma proporção da ansiedade de todos. E pontualmente às 6h40 o céu era invadido por milhares de aves que voavam de um lado a outro até pegarem o rumo das araucárias e dos deliciosos pinhões. Quando as revoadas finalmente diminuía era hora de encontrar as araucárias onde eles estavam se alimentando e aproveitar as belas oportunidades de fotografia.

Mas Urupema não é só papagaio, são mais de duzentas espécies interessantes para serem observadas e fotografadas em diversos pontos de observação como

banhados, campos nativos e estradas. Os principais pontos são a Eco Pousada Rio dos Touros, Morro do Combate e Estrada Antiga, onde cerca de 200 espécies aguardam os observadores de aves, entre elas o sanhaço-papo-laranja, saíra-preciosa, grimpeirinho, gralha-azul, tio-tio, pedreiro, cisqueiro, peito-pinhão, tico-tico-do-banhado, tico-tico-da-taquara, caboclinho-de-barriga-preta e tapaculo-ferreirinho, entre tantas outras. Então para quem quiser juntar observação de aves com degustação de pinhões, maçãs direto do pé e um bom vinho, Urupema é sem dúvida um ótimo destino! ■



papagaio-de-peito-roxo, *Amazona vinacea*

Foto: João Quental

Agradecimentos

Rose e Fernando - Eco Pousada Rio dos Touros
Vanessa Kanaan – Instituto Espaço Silvestre

Para mais informações

Prefeitura Municipal de Urupema –
<http://www.cidademaisfriado brasil.com.br/>
Eco Pousada Rio dos Touros –
<http://www.riodostouros.com.br>
Instituto Espaço Silvestre –
<http://www.espacosilvestre.org.br/>
Seledon Turismo -
<http://www.seledon.com.br/turismo/home>
Adrian Rupp - <http://adrianrupp.com/>
Maritaca Expeditions - <http://maritacaexpeditions.com/>
Wikiaves – www.wikiaves.com.br

Observação de aves na Pousada Salve Floresta

Tapirai, São Paulo. Distante somente 150km do centro de S.Paulo
Mais de 100 espécies de aves catalogadas no Wikiaves
Venha passarinho com conforto, segurança, tranquilidade



Foto: Rogério Machado

Entre em contato com a Pousada:
email: carlosoares@online.de
site: www.salvefloresta.com

O CEO - Centro de Estudos Ornitológicos - é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que tem como objetivos, congregar pessoas interessadas na observação de aves, ornitologia e temas correlatos, desenvolver estudos ornitológicos, contribuir para a conservação da natureza em geral e das aves em particular e para a educação ambiental da população.

O CEO desenvolve diversas atividades, programas, projetos, serviços e parcerias e também promove algumas campanhas, relacionadas com a promoção da observação de aves e com sua conservação.

O CEO realiza as excursões científicas, que objetivam além do registro da avifauna observada, discussões sobre seus aspectos particulares e verificações das condições de preservação da área visitada bem como das possibilidades de participação do CEO e de seus membros no trabalho de preservação.



Grupo do CEO em visita ao Hospital da Aeronáutica – Campo de Marte SP

São realizadas reuniões periódicas, abertas a todos os interessados, tendo em sua programação palestras, mesas-redondas, audio-visuais, debates e discussões informais sobre ornitologia e preservação da natureza.

Algumas atividades realizadas pelo CEO:

CURSOS DE OBSERVAÇÃO DE AVES - são dadas informações gerais sobre essa prática, as vestimentas e equipamentos utilizados, as técnicas usadas pelos observadores em campo, as técnicas de identificação das espécies, registro e divulgação dos dados obtidos e outros.

Os cursos são feitos também colaboração com outras instituições, que cedem espaços e outras facilidades necessárias. As instituições interessadas nessa parceria podem entrar em contato com o CEO.

LEVANTAMENTOS DE AVIFAUNA - Uma das principais pautas de ação desenvolvidas pelo CEO é o reconhecimento da avifauna do estado de São Paulo. Esse trabalho tem sido feito muitas vezes em colaboração com instituições públicas oficiais e também particulares. O CEO participa com a equipe técnica, bem como materiais necessários ao trabalho de levantamento e a instituição ou pessoa interessada no levantamento com apoio logístico para as visitas a campo.

Um bom exemplo desta atividade é o levantamento da avifauna em áreas militares envolvendo áreas da Aeronáutica, Exército e Polícia Militar do Estado de São Paulo.

CENSO NEOTROPICAL DE AVES AQUÁTICAS - O CEO participa, desde 2006, do Censo Neotropical de Aves Aquáticas, atividade iniciada em 1990, promovida pela organização Wetlands International. Desde 1967 já era realizado no noroeste da Europa, o Censo Internacional de Aves Aquáticas. O Censo visa melhorar o conhecimento atual sobre a distribuição e tamanho das populações das espécies de aves aquáticas, assim como determinar o estado de conservação de seus habitats. As aves aquáticas são úteis como indicadores do estado de conservação e da saúde das zonas úmidas, que têm sido severamente destruídas, como mostram estatísticas da IUCN e de outras entidades internacionais, que dão conta de que as perdas de áreas úmidas do planeta atingem 50%.



Desde seu início, participaram mais de 750 voluntários de nove países da América do Sul. Os voluntários são ornitólogos profissionais e amadores, desde que capacitados na identificação das espécies de aves aquáticas presentes nas áreas úmidas-foco, bem como nas contagens de suas respectivas populações.

PROGRAMA "ESCUTADORES DE AVES" - Por meio deste programa, o CEO pretende dar à atividade de contemplação das aves a necessária acessibilidade, permitindo que também pessoas portadoras de deficiências visuais possam usufruir, senão de todas, mas de boa parte das vantagens dessa prática. A vocalização das aves constitui um dos mais interessantes e belos capítulos do estudo das aves e de sua contemplação, sendo, muitas vezes, o principal instrumento para sua detecção no campo e o reconhecimento das espécies.

PROGRAMA JOVEM OBSERVADOR DE AVES - este programa tem como objetivo fornecer a jovens com interesse pela observação de aves, em especial de áreas rurais e cidades do interior, equipamentos e orientações no sentido de auxiliá-los em seu aperfeiçoamento como observadores de aves.

BRINCANDO COM AVES - Envolve todas as ações do CEO com crianças, que visam levar a elas o conhecimento sobre as aves e o estímulo a sua contemplação, por meio de atividades lúdicas. As ações serão feitas por meio do site do CEO e por meio de atividades coletivas com grupos de crianças, em escolas, parques públicos e outros lugares. No sentido de atingir maior alcance dessas ações, o CEO fará trabalhos em colaboração com outras instituições e grupos de pessoas, que se disponham a ajudar na monitoria dessas ações.

O CEO está envolvido também na conservação do meio ambiente através de campanhas e ações direcionadas, como o caso do Tanquã, bairro de Piracicaba/SP que está passando por um processo de estudos para construção de uma hidrovía, que terá como consequência sua completa inundação, descaracterizando-o como um santuário ecológico para as aves que o utilizam como rota migratória, área de descanso e de reprodução, sendo também uma

área de residência para espécies de grande importância e ameaçadas de extinção para o estado de São Paulo.



Vista do Tanquã

O CEO incluiu em junho de 2011 o Tanquã como sítio para o Censo Neotropical de Aves Aquáticas, com coleta de dados duas vezes ao ano (fevereiro e julho).

Em junho de 2012 o CEO entrou com uma representação junto ao Ministério Público de Piracicaba chamando a atenção para o empreendimento e suas consequências. Com isso foi instaurada um Inquérito civil pelo MP / GAEMA – Grupo de Atuação Especial de Defesa do Meio Ambiente em função da representação do CEO e da SODEMAP.

O CEO participou ativamente nas Audiências Públicas, apresentando relatórios e parecer, além de estar presente na Reunião do Comitê Técnico de Bacias com a apresentação do Relatório Técnico.

Participação também em Seminário promovido pelo COMDEMA – Comissão Municipal de Defesa do Meio Ambiente, apresentando Parecer Técnico.

Desta forma acreditamos que o CEO pode contribuir de forma atuante em defesa da conservação do meio ambiente e em especial no que envolve a conservação das aves.

Para ser associado do CEO, basta entrar no site www.ceo.org.br e fazer a inscrição. O CEO cobra a título de contribuição uma pequena taxa anual. ■



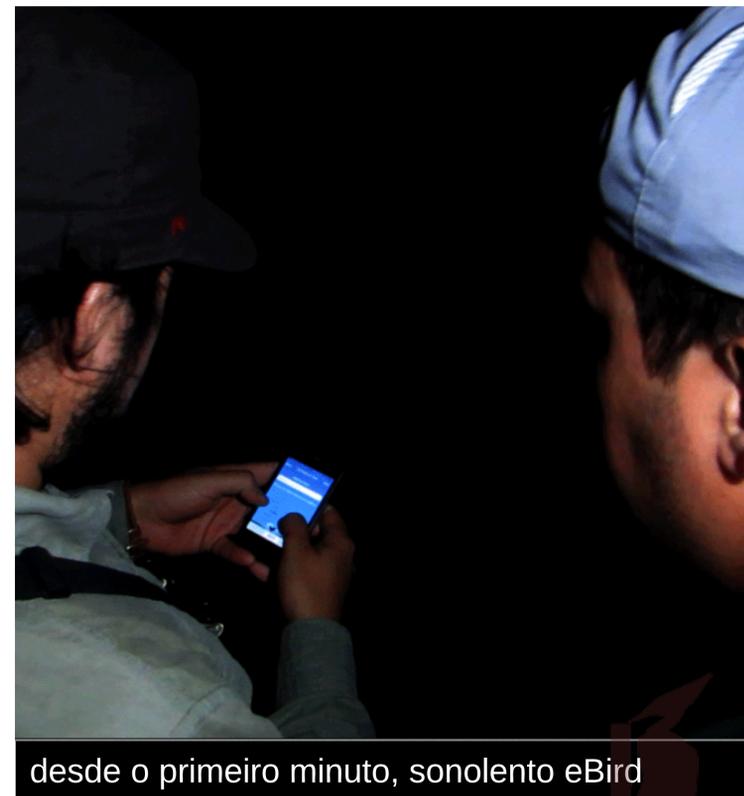
Era noite silenciosa e naquela estreita cama eu tinha plena consciência do que iria enfrentar nas próximas horas. Tentara em vão desistir, fugir da raia, alegar motivo, escapar. Não acredito em destino, mas mesmo assim ali estava, e na fria noite da quente Paraty meu futuro se media em minutos e eu fechava os olhos e tentava apenas dormir. As poucas horas de sono que se seguiram já eram uma lembrança distante. O vento que entrava pela janela do carro tinha sabor de mangue. Não se encara a fria noite sem uma droga pesada, cachaça, cafeína ou adrenalina, recurso último de sobrevivência do corpo abatido. Passarinhar, ao contrário, sempre foi cachaça mansa, droga leve, induz um torpor agradável, devir holístico. Passarinhar com adrenalina promete ser uma experiência intensa, e nela mergulho.

Meia noite e o sino da matriz, refletido na lama, badalava. Meia noite e eu já havia dormido e já havia acordado e isso era apenas o começo de um grande dia. Pela frente 24 horas de passarinhada e o desafio de registrar o maior número de espécies. *Nyctanassa!* Entre sombras retorcidas, o vulto do savacu-de-coroa destaca-se contra o mar. Primeiro minuto, primeira ave! *Vanellus!* A primeira lista tem somente bichos grandes, *Ardea cocoi*, pois a noite é para os fortes. Na distante Cornell, no ninho do eBird, os servidores não param de trabalhar, exceto por eventual *overload*. Em cada canto do mundo o tempo é diferente, aqui é meia noite, ali já é meio dia, e os dados chegando. Bacurau-tesoura. Madrugada vazia e entre corujinha-sapo e inesperadas saracuras a certeza que a estratégia foi arriscada. Duas horas de sono por uma dúzia de espécies... mas começar no exato primeiro minuto foi um prazer infantil, e cobrou o seu preço. Madrugada vazia, capoto na cama. Chacoalhando no banco do carro, aparentemente estou acordado, aparentemente alguém está dirigindo, e pelo jeito ainda no Grande Big Day. Alvorada se aproxima, kms, estradas, casebres, a rua se liberta da favela e vira estrada rural: bacurau, a mata é escura, à espera do sol tardio, falcão-relógio, urubu sonolento, nada de corujas. A tensão cresce. Eita! Murucututu responde, chega-se.

Apesar do prazer a produtividade ainda é baixa enquanto a manhã redentora se aproxima. Todos prontos para o *dawn chorus*. O maldito 3G nos mantém atualizado, o tráfego de dados é intenso, milhares de listas chegando no eBird, sentimos os passos das outras equipes, Fortaleza, Vitória, Ubatuba, tornam-se reais os times previstos nas *timelines* da vida. Matrix se espalha. Bem-te-vi ao longe. O Grande Big Day começa a ficar sério nas primeiras luzes da aurora. Adrenalina a mil, ouvidos atentos... mas aqui no sertão de Mambucaba, afora nossa bolha de ansiedade, o silêncio reina...

Passarada nos prega uma peça, vai acordando devagar, sem pressa... De que adianta tanto escutar, se o passarinho não quer cantar?

Um café por favor! A cafeína finalmente parece fazer efeito, não em mim, mas nas milhares de vozes a cantar. Matracão, borralhara. O grupo divide-se naturalmente, os escutadores tomam a dianteira e escaneiam a paisagem. Choca listrada. Meio velho e meio surdo, sigo uma estratégia diversa, seleciono espécies que não cantaram e tento no *playback* induzir a resposta. Patinho, bicho-chato. A lista cresce, traz boas supressas. Maria-leque, tudo indo bem, anambezinho e uma pausa, para curtir a *Formicivora erythronotos*. Passamos de cem!! Enfim a trilha se esgota, chegamos à beira da cidade.



desde o primeiro minuto, sonolento eBird

Bichos de área aberta, *Columba livia*, por que não? *Passer domesticus*, vira-bosta e nada de *furnarius*. Beira do mar, linha do horizonte, fragatas, pedras e atobás, trinta ou quarenta trinta-reis e um soberano *Spizaetus tyrannus*. Beira de brejo, japacamim, saracuras, e *Buteo brachyurus*. A lista chegava em 150, 170 e nada de *furnarius*. A estratégia fora arriscada: espécies raríssimas e faltava milvago, dezenas de endêmicos, mas cadê o epidêmico *zonotrichia*. Tiziu como uma flecha, nos salva do vexame. Parada estratégica na fazenda, para tomar um café, sorriso e bom dia, beija-flores, cinza, tesoura, peito branco, banda larga... 3G, listas chagando tempo passando... Simbora, vamos para a serra!!!

Mas antes *furnarius*. Jamais em minha vida de passarinho imaginei que passaria por isso. E então nas pacatas ruas descalças de Paraty, longe do glamour da cidade histórica, lá estávamos nós desesperados em busca de um mero João-de-Barro. De nada adiantou tocar o *playback* no som do carro, nem escrutinar os postes em busca do ninho... seu João tá fora da lista... seguimos.

O horário do almoço é crítico e sim, estamos atrasados. A equipe de apoio foi eficiente, comida boa, saíras-militar, bons comedouros e a sete-cores. O tempo de servir não seria um problema, não se o tempo estivesse parado. Tico-tico!!! Não se as listas deixassem de chegar: Austrália, Japão, Espírito Santo! Maldita rede que nos conecta. Sabiá-poca!

Big day não é o problema, o problema é big data. Global data... eBird bombando, milhares de espécies, dezenas de milhares de birders em todo mundo. No Brasil a festa se espalha, listas de todo tamanho.

Oops! Almoço servido, *matrix reloaded*, café ingerido e seguimos rumo ao alto da serra, mas não sem *Aramides saracura*. A cada 300 metros de altitude uma parada, A estrada que sobe a serra é a mesma em que o sol despenca.

O silêncio da mata, é o carrasco das listas, devorador de sacis. É tarde... ou seria o banzo pós almoço. Dúvida: parou ou mundo ou fui eu que parei?

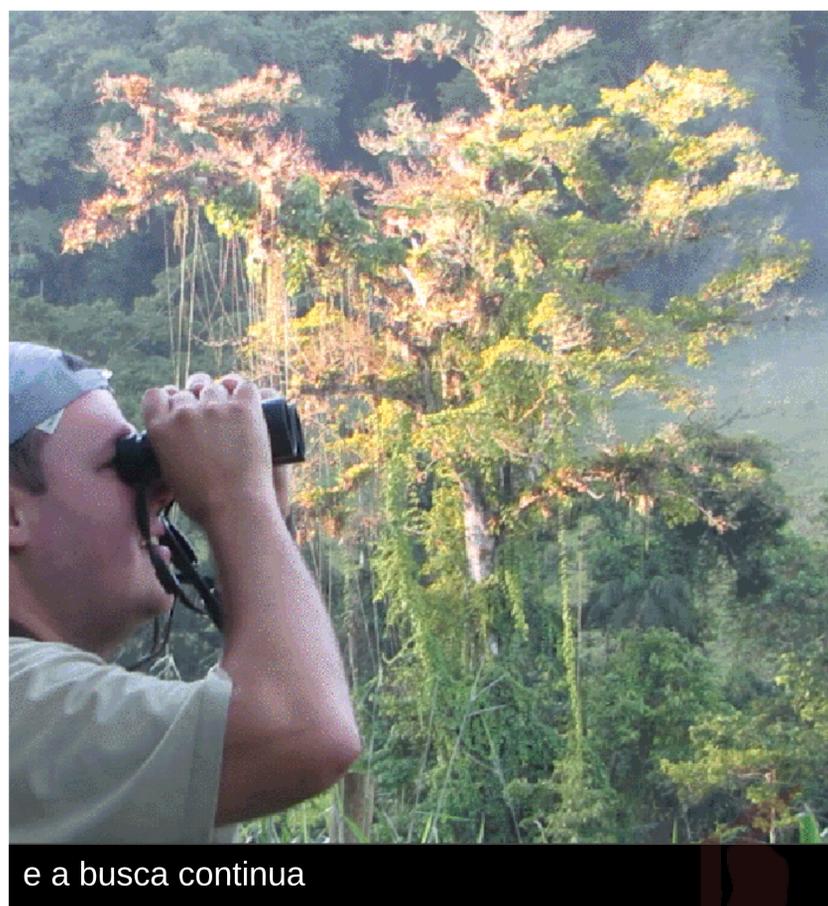
Rebuilding - nova estratégia criada e a ser executada: Subimos ao alto da serra e de lá descemos caminhando... Será?

Simbora, sem tempo pra perguntar. Na cota mil e quinhentos paramos e caminhamos morro abaixo, distanciados na estrada: à frente, seguia l'armatta dos escutadores, atentos, silentes, eu na repescagem, meio enfastiado, azucrinando os tapaculos, topetinhos e entufados. Deu certo... aos poucos a lista voltava a crescer, tovaca-cantadora, passamos os duzentos, canta a saudade ao longe, ou perto?? Saudade não tem distância. O que vale é o presente, na forma da uma furtiva tovaca nas encostas da estrada, eu agachado e ela de rabo vermelho.

O tempo não para, e o sol despencou, e ali na cota 1350 adrenalina a milhão... Mas sabe como é: noitinha e os passarinhos, na sua modesta sabedoria, já se recolhiam...

Um inhambu ao longe, e o silêncio sarcástico dos sapos e grilos. Bah! 223 espécies mas ainda tinha a coruja, bala certa e quiçá algum bacurau...

Simbora morro acima, quando lá do fundo da grota, miles de metros abaixo ou acima, cantou inesperado *Odontophorus* ... eeeeeita!!



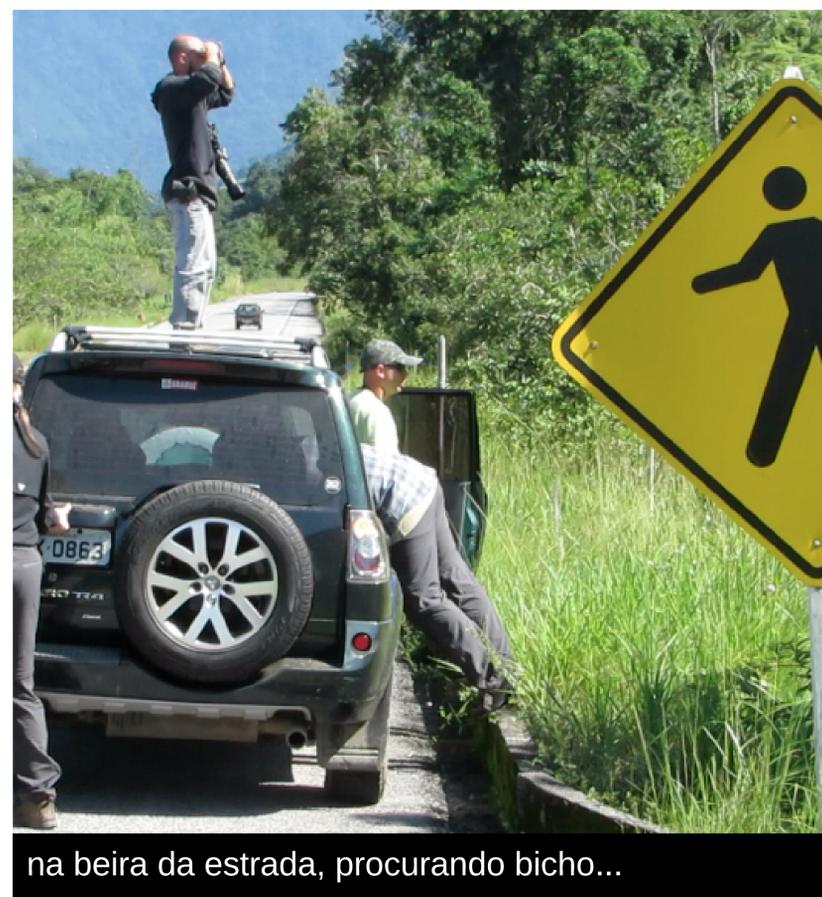
e a busca continua

Pulávamos feito crianças. Uru, uru uru uru... Talvez pela escuridão, talvez pelo frio ou excesso de passarinhos...

Tudo se tornou confuso, parece que ainda teve uma coruja, parece que uma hora brincadeira acabou, parece que a gente viu muito bicho, parece que o peru cresceu e alguém inflou... mas o que importa? *Fair play* é o nome do jogo. E eu adoro jogar. Como toda viagem, a volta é uma experiência estranha, aos poucos reconectava todos os problemas de produção, montagem do evento, trabalho, vida doméstica, filhos, companheira, e tudo mais... Tudo certo, no seu lugar... .hmm sei não... *furnarius, furnarius!!!*

Algo mudou, definitivamente não se passa incólume *Milvago!* por um Grande Big Day. Recomendo cautela, passarilhar com adrenalina é droga pesada, deve ser usada com moderação, mas uma vez que se prova... não tem mais volta.

Quando é que é mesmo a primavera, *Xolmis ???* ■



na beira da estrada, procurando bicho...

Obs.: Essa é uma obra de ficção, as espécies citadas são fictícias, nenhum ser humano foi machucado na realização do Big Day

Os números do *Global Big Day* mostram o sucesso que foi o evento: 6072 espécies de aves registradas em um único dia, destas, 1125 no Brasil, ou seja, 18,5% das espécies registradas foram em solo brasileiro.

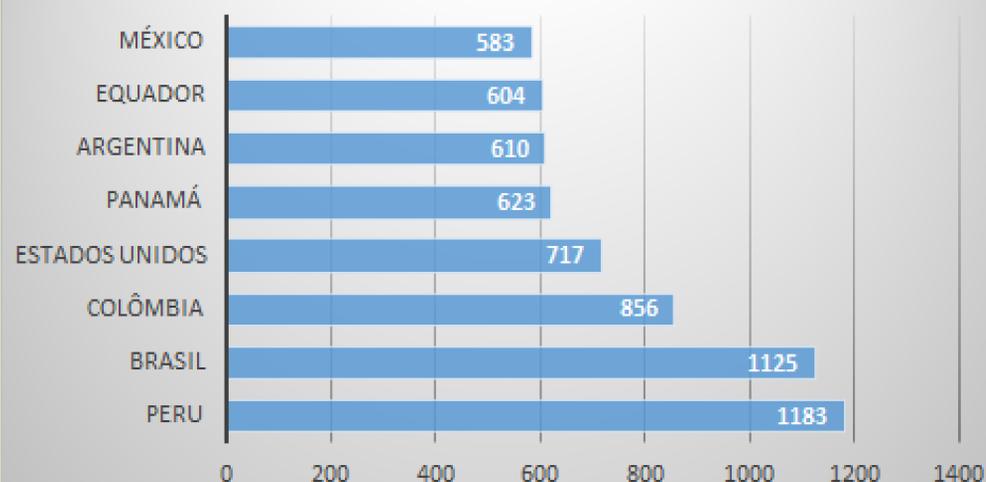
Os números também mostram a diferença que é a prática da observação de aves entre alguns países.

É nítida a diferença no número de observadores de aves entre os EUA e qualquer outro país participante do evento. Os

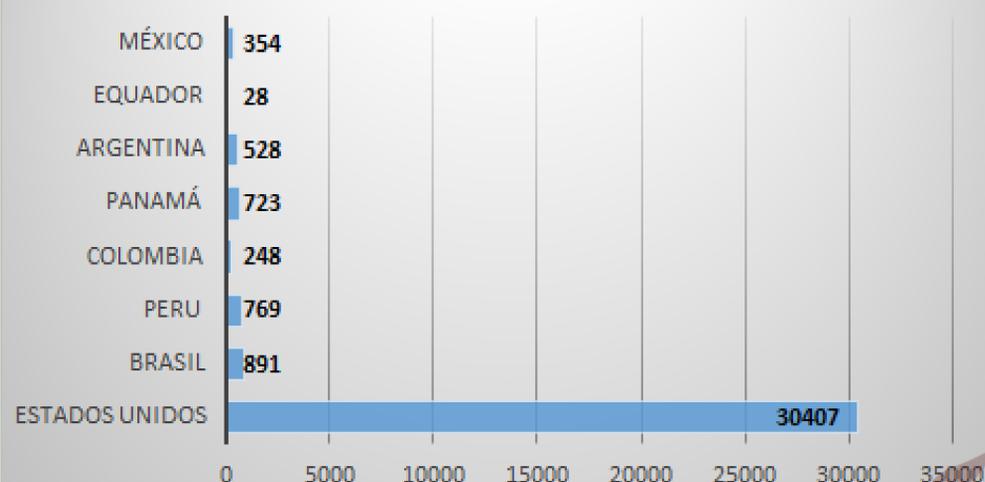
americanos enviaram mais de 30 mil listas, um número impressionante.

O Brasil teve uma bela participação, foram 891 listas enviadas, e um grande movimento nas redes sociais. Ano que vem tem mais. Se você não participou em 2015, faça seu planejamento, nem que seja na sua própria cidade. Cada espécie conta...

Número de Espécies



Número de listas



2ª passarinhada de apoio ao Tanquã

Texto e fotos: Norton Santos

Aconteceu no último dia 30 de maio, durante o período da manhã, a 2ª Passarinhada de Apoio ao Tanquã, o mini pantanal paulista, em Piracicaba/SP. Aproximadamente 100 observadores de aves e amantes da natureza compareceram à manifestação que, assim como no ano passado, teve como objetivo atrair o interesse da imprensa para a defesa desse patrimônio biológico, refúgio de aves aquáticas e migratórias, que está ameaçado por um projeto de barragem amplamente questionado.

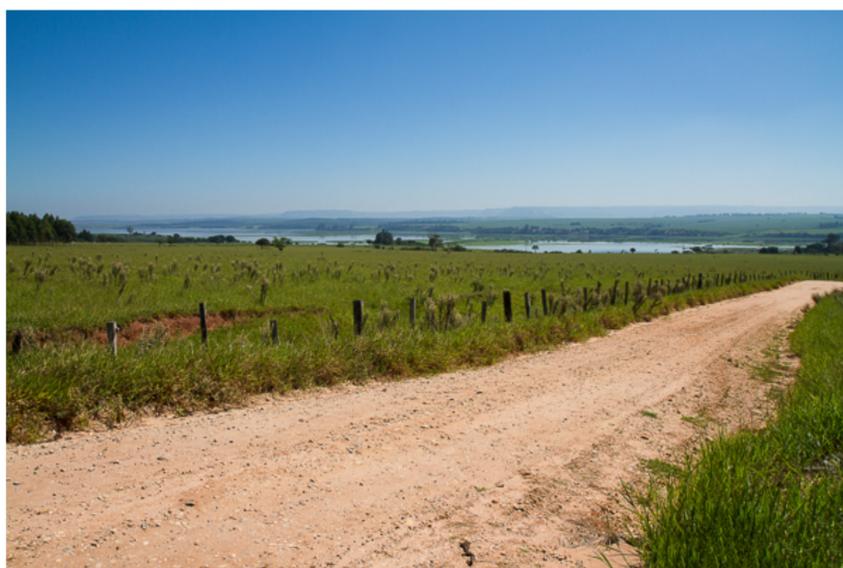
O Tanquã abriga espécies como tuiuiú, cabeça-seca, colhereiro, aves raras como o socó-amarelo, sanã-amarela, tricolino, paturi-preta e várias espécies de garças e marrecas, inclusive uma população de marrecões – talvez a única a se reproduzir fora do Sul do

Brasil, além de jacarés-de-papo-amarelo e ratões-do-banhado.

O Tanquã levou décadas até atingir o atual estágio de riqueza biológica. A construção da Barragem de Santa Maria da Serra, um ramal contestável da hidrovia Tietê-Paraná, causará a destruição total do Tanquã.

Assim como aconteceu no ano passado, o evento contou com barcos para alugar disponíveis para fazer passeios. Aconteceu também uma passarinhada na matinha do Tanquã e uma exposição em varal de fotos de paisagens, fauna e flora do lugar.

O evento contou com o apoio de vários grupos, como o CEO e o GRIFOO, e foi tema de reportagens de vários veículos de comunicação. ■



Vista da chegada ao Tanquã



Grupo de observadores durante o evento



Biguás, *Phalacrocorax brasilianus*



Filhotes de marrecão, *Netta peposaca*

ACONTECE



18 e 19 de Julho 2015
Manaus - AM

www.avistarbrasil.com.br



Nesta edição, a Revista Passarinhando traz o trabalho de Fabio Duarte, um gaúcho apaixonado por fotografia de aves.

Fabio é membro da diretoria do COA POA, o Clube de Observadores de Aves de Porto Alegre/RS. Fabio também coordena o núcleo de fotografia de aves do COA, com o objetivo de difundir a prática da fotografia de aves entre os membros do clube.



Como começou sua relação com as aves / natureza?

O interesse pela natureza e animais de todos os tipos começou já na infância. Meus pais sempre me incentivaram nesse interesse.

Embora tenha nascido em Porto Alegre, meus pais se mudaram muito cedo para a cidade de Viamão, que possuía uma área rural bastante grande na época, o que facilitava o contato com a natureza.

O interesse pelas aves surgiu naturalmente, talvez por serem os animais mais abundantes na região.

Quando começou a fotografar aves / natureza?

Em 2004, quando adquiri minha primeira câmera fotográfica digital, uma Fujifilm S5000, rapidamente percebi que podia captar fotos de aves.

Você fotografa como hobby ou a fotografia é sua atividade profissional principal?

Fotografo como hobby.

Qual equipamento você utiliza?

Hoje utilizo uma câmera Canon EOS 40D acoplada a uma lente Canon EF 400mm f/5.6L

Quais seus três destinos principais, e por quê?

Ultimamente tenho tido interesse em em três locais principais, todos eles no estado do Rio Grande do Sul: Morro Reuter, Barra do Ribeiro e Lagoa do Peixe.

Morro Reuter por ser um local de mata, com possibilidade de registro de espécies típicas da mata atlântica.

Barra do Ribeiro por ser um local apropriado para fotografia em beira de estrada e Lagoa do Peixe por proporcionar o registro de aves migratórias e uma grande variedade de espécies residentes.

Qual a foto que mais gostou de ter feito, e por quê?

A fotografia de aves é algo que me causa tanta realização e emoção que é difícil dizer qual a foto ou ocasião preferida.

Talvez o registro de um martim-pescador-pequeno se alimentando de uma rã tenha sido a situação mais marcante até agora.

Qual foto gostaria de fazer?

Trocaria a foto dos sonhos pela oportunidade de ficar mais tempo em contato com a natureza e com a aves, pois já me sinto realizado com o resultado que obtive até agora. No entanto, diria que o

beija-flor-tesoura é uma ave que tenho visto com certa frequência mas ainda não tive a oportunidade de registrar.

Há algum fotógrafo, amador ou profissional, que te inspirou?

Na época em que iniciei, conhecia pouco a respeito da atividade de fotografia de aves. Minha inspiração veio toda da admiração e respeito pelas aves. ■

" A fotografia de aves é algo que me causa tanta realização e emoção "





Quando esse beija flor apareceu no jardim, quase não acreditei. Ele foi muito colaborativo e territorialista, o que facilitou a obtenção dessa bela imagem.

beija-flor-de-veste-preta / *Anthracothorax nigricollis*

Canon 40D, Canon 400mm f/5.6L | f/8, 1/250s, ISO 400, 400mm



PORTFÓLIO - Fabio Duarte



O verde do arrozal ao fundo ajudou bastante na composição dessa imagem.
martim-pescador-pequeno / *Chloroceryle americana*
Canon 40D, 400mm f/5.6L | f/5.6, 1/250s, ISO 800, @400mm



PORTFÓLIO - Fabio Duarte



O quero quero estava protegendo seus filhotes da chuva fina que caía.
Quero-quero / *Vanellus chilensis*
Canon 40D, 400mm f/5.6L | f/8, 1/100s, ISO 800, @400mm



PORTFÓLIO - Fabio Duarte



Embora não tenha um canto melodioso, o cochicho proporcionou uma bela imagem ao vocalizar.

cochicho / *Anumbius annumbi*

Canon 40D, 400mm f/5.6L + TC1.4x | f/11, 1/640s, ISO 400, @400mm



PORTFÓLIO - Fabio Duarte



Nunca tinha visto esta espécie e de início me pareceu quero-quero. Extremamente camuflado quando no chão, mas de uma grande beleza ao voar.
corução / *Chordeiles nacunda*

Canon 40D, Canon 400mm f/5.6L | f/8, 1/1600s, ISO 400, @400mm



PORTFÓLIO - Fabio Duarte



Na primeira vez que vi esse bicho foi possível fazer uma foto boa. Desde então não o encontrei mais.
tico-tico-do-banhado / *Donacospiza albifrons*
Canon 40D, Canon 400mm f/5.6L | f/8, 1/2000s, ISO 400, @400mm



PORTFÓLIO - Fabio Duarte

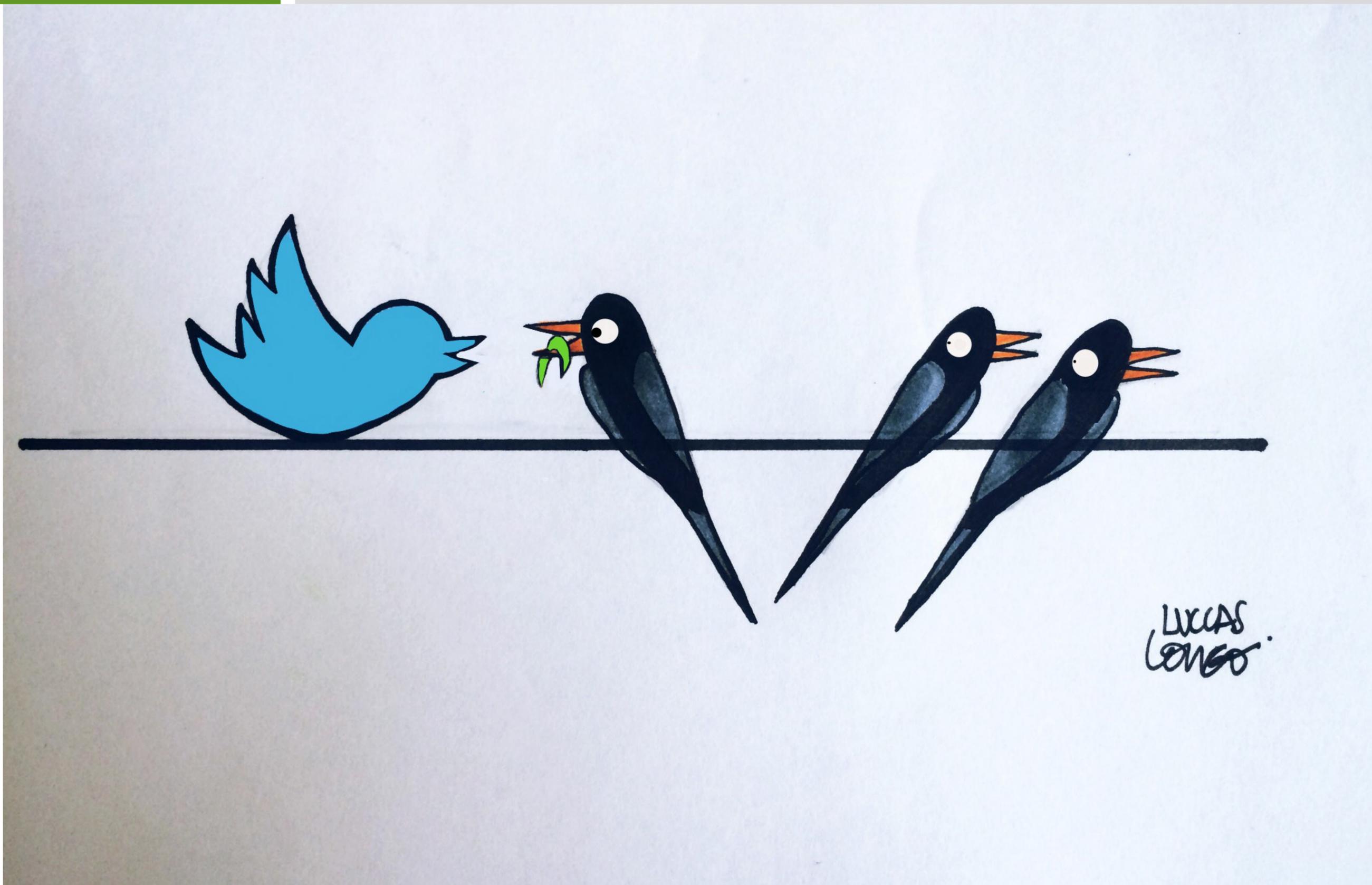


Ela vinha subindo a ponte em nossa direção, hesitou um pouco e posou para a foto antes de dar meia volta.

saracura-do-mato / *Aramides saracura*

Canon 40D, Canon 400mm f/5.6L | f/8, 1/80s, ISO 400, @400mm







CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE CURSOS, WORKSHOPS, TREINAMENTOS

- ✦ **Soluções e novas alternativas para melhorar o desempenho de seu negócio**
- ✦ **Observação de vida selvagem**
- ✦ **Infraestrutura para turismo de observação de aves**
- ✦ **Sistemas de Gestão de Segurança**

**MARITACA
EXPEDITIONS**

ASSOCIADO



OBSERVAÇÃO DE VIDA SELVAGEM, CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE

info@maritacaturismo.com.br
www.maritacaexpeditions.com

55 11 9.9999.0331
55 34 9148.6882

